

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) RICARDO PARREIRAS DE BRAGANÇA ONETO ARAUJO

MÚTIPLAS AMEAÇAS E DESSEMELHANÇA CULTURAL: seus desafios para a
contrainsurgência.

Rio de Janeiro

2017

CC (FN) RICARDO PARREIRAS DE BRAGANÇA ONETO ARAUJO

MÚLTIPLAS AMEAÇAS E DESSEMELHANÇA CULTURAL: seus desafios para a
contrainsurgência.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para conclusão do Curso de
Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus e à minha família manifesto publicamente o reconhecimento pelo suporte necessário à manutenção firme da minha vocação na defesa da Pátria.

Ao CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pela atenção e apoio na orientação deste trabalho.

Aos Operadores da Equipe de Comandos Anfíbios do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais HAITI - 5º Contingente, junto aos quais pude testemunhar, no conflituoso ano de 2006, o real potencial de ameaça do guerreiro irregular. Parcela da motivação para a concretização deste trabalho vem dos becos de *Cité Soleil*, Porto Príncipe.

RESUMO

Para o enfrentamento à guerra irregular, as forças militares convencionais necessitam, de maneira vital, adaptar-se. Despendem grande energia no aprestamento, o que inclui treinamentos diversos, de níveis crescentes de intensidade, já que se trata de conflito que, devido à esmagadora preponderância de um ator frente a seu oponente, obriga este a adotar técnicas ditas não convencionais de combate. Este trabalho aborda a necessidade de adaptação das forças armadas às ações de contrainsurgência, a partir da comparação de um modelo consagrado com operações contemporâneas. O modelo teórico escolhido foi o de autoria do Coronel do exército francês David Galula (1919-1967), elaborado a partir de sua rica vivência em quatro grandes conflitos, com destaque para a Guerra de Libertação Colonial na Argélia (1954-1962). As operações de contrainsurgência reais selecionadas foram levadas a cabo por forças estadunidenses nos desdobramentos da *Operation Iraq Freedom* (2003), mais especificamente na denominada Segunda Batalha de Bagdá (2006). O desenho de pesquisa escolhido foi a comparação da teoria com a realidade. Por meio desse confronto, concluiu-se que apesar da aderência das operações militares verificadas ao modelo estudado, não foi possível atingir a eficiência esperada, uma vez que a violência aumentou no Iraque, culminando com o quadro de guerra civil. As principais causas para tal são apontadas como o ambiente de múltiplas ameaças e a dessemelhança cultural. Por fim, o trabalho sugere a necessidade de aprimoramento doutrinário no âmbito das operações de contrainsurgência, bem como o aspecto fundamental da necessidade de imersão e compreensão da cultura das forças oponentes. Prospecta-se que tais ensinamentos serão úteis no curto prazo pelas forças de Fuzileiros Navais tanto no ambiente interno quanto no ambiente externo.

Palavras-chave: Guerra Irregular. Contrainsurgência. David Galula. *Operation Iraq Freedom*. Segunda Batalha de Bagdá. Teoria.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM – Armas de destruição em massa

CFN – Corpo de Fuzileiros Navais

DoD – *United States Department of Defense* – Departamento de Defesa dos EUA

EIIL – Estado Islâmico do Iraque e do Levante

EUA – Estados Unidos da América

ESV – *Ethno-Sectarian Violence* – Violência étnica e sectária

GLO – Garantia da Lei e da Ordem

IED – *Improvised Explosive Devices* – Artefatos explosivos improvisados

MB – Marinha do Brasil

MINUSTAH – *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti* – Missão das Nações

Unidas para a Estabilização do Haiti

MND-B – *Multinational Division - Baghdad* – Divisão Multinacional - Bagdá

OIF – *Operation Iraq Freedom* – Operação Iraque Livre

ONU – Organização das Nações Unidas

PCTran – Posto de Controle de Trânsito

SEPT – Síndrome de Estresse Pós-Traumático

UK – *United Kingdom* – Reino Unido

VANT – Veículos Aéreos Não Tripulados

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Iraque.....	56
Figura 2 – Divisão sectária em Bagdá.....	57
Figura 3 – A Zona Verde de Bagdá.....	58
Figura 4 – Adaptação de Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal aos IED e efeitos..	59
Gráfico 1 – Estatísticas da violência em Bagdá em 2006.....	60
Gráfico 2 – Evolução da violência étnica e sectária em Bagdá entre 2006 e 2007.....	61
Gráfico 3 – Mortes de militares estadunidenses no Iraque entre 2003 e 2010.....	62
Gráfico 4 – Mortes nas forças estadunidenses e iraquianas no Iraque entre 2006 e 2008...	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das Operações de Assuntos Cíveis ocorridas na Segunda Batalha de Bagdá.....	55
Quadro 2 – Síntese da aderência das ações empreendidas na Segunda Batalha de Bagdá ao modelo teórico de David Galula.....	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	A CONTRAINSURGÊNCIA PELO MODELO DE DAVID GALULA	10
2.1	O leão contra a mosca: contextualizando a guerra irregular.....	11
2.2	O centro de gravidade.....	12
2.3	Da estratégia à tática: a necessidade de adaptação das forças armadas à guerra de contrainsurgência segundo o modelo de David Galula.....	14
2.3.1	Adaptação às operações de combate às forças irregulares.....	15
2.3.2	Adaptação ao contato com a população e seu controle pelas unidades estáticas...	17
2.4	Conclusões parciais.....	19
3	A CONTRAINSURGÊNCIA NA SEGUNDA BATALHA DE BAGDÁ (2006).....	22
3.1	A complexa história do Iraque até a <i>Operation Iraq Freedom</i> (OIF).....	22
3.2	O prelúdio da OIF e a “vitória” de George W. Bush.....	27
3.3	A insurgência.....	28
3.4	A Segunda Batalha de Bagdá (2006).....	31
3.4.1	A importância de Bagdá para a insurgência.....	33
3.4.2	Um panorama da população.....	34
3.4.3	A investida.....	35
3.4.4	Ocupação e controle da população.....	39
3.5	Conclusões parciais.....	41
4	O CONFRONTO ENTRE O MODELO TEÓRICO E A CONTRAINSURGÊNCIA NA SEGUNDA BATALHA DE BAGDÁ (2006)..	44
4.1	Adaptação das forças armadas à contrainsurgência.....	44
4.2	Conclusões parciais.....	47
5	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICE E ANEXOS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Em 1964, quando da escalada militar dos Estados Unidos da América (EUA) no Vietnã, o General William Westmoreland (1914-2005), comandante das forças militares no país, afirmava, em tom desafiador, que o soldado estadunidense não somente era mais forte como mais inteligente e determinado. Venceria, certamente, a guerrilha comunista¹.

Passados quase quarenta anos, os EUA se preparavam novamente para uma grande empreitada militar, dessa vez no Iraque, a fim de derrubar o ditador Saddam Hussein (1937-2006). Na fase de preparação da denominada *Operation Iraq Freedom* (OIF)², ocorrida em 2003, as ingerências políticas sobre o planejamento militar eram imensas e visavam preponderantemente a compressão de efetivos e tempo, já que a guerra seria contra as forças convencionais iraquianas, em muito inferiores em tecnologia e capacidades.

Qual a grande semelhança entre tais eventos? Em ambos os casos a estrutura político-militar daquela grande potência subestimou a capacidade de forças que, munidas de grande motivação e recursos mínimos, aplicaram com maestria a guerra irregular.

Fruto do que foi apresentado, o presente trabalho foi buscar um modelo teórico consagrado sobre o combate à guerra irregular, também denominado contrainsurgência, o qual pudesse ser comparado à condução desse tipo de operação pelos EUA no Iraque pós-OIF, particularmente na capital, Bagdá, no ano de 2006. O modelo escolhido foi desenvolvido em 1964 por David Galula (1919-1967), Coronel do exército francês, que pôde vivenciar quatro conflitos que marcaram profundamente sua visão: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Revolução Comunista na China (1946-1950), a Guerra Civil na Grécia (1946-1949) e a Guerra da Argélia (1954-1962). Dessa maneira, o propósito é responder ao seguinte questionamento: as operações do Exército dos EUA para o combate à insurgência na Segunda Batalha de Bagdá (2006) tiveram aderência ao modelo teórico de David Galula,

¹ Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-1SMb1U9-Qo>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

² “Operação Iraque Livre” (Tradução nossa).

particularmente no que concerne à necessidade de adaptação das forças armadas à guerra de contrainsurgência? A hipótese levantada é a de que não houve aderência ao modelo, o que poderia justificar a escalada da violência e o insucesso no combate à insurgência, culminando em uma guerra civil.

Para atingir o propósito, o trabalho se desenvolve em cinco capítulos. Após esta introdução, serão apresentados, no segundo capítulo, os principais conceitos da guerra irregular bem como o modelo teórico de contrainsurgência de David Galula.

No capítulo seguinte, após tecer um panorama sobre o Iraque, contextualizar a OIF e a insurgência que se seguiu à vitória militar, serão apresentadas as ações de contrainsurgência que foram adotadas em Bagdá no ano de 2006.

No quarto capítulo serão confrontadas as operações de contrainsurgência no Iraque na moldura temporal estabelecida com o modelo estudado.

Finalizando, no quinto capítulo serão apresentadas conclusões, mas também indicadas possíveis linhas de pesquisa futuras sobre o tema que não puderam ser aprofundadas, bem como implicações do estudo para a Marinha do Brasil (MB). De fato, forças militares brasileiras já estiveram presentes em países onde existiu conflagrada uma guerra irregular, como no exemplo recente do Haiti, o que poderá repetir-se em operações futuras. A complexidade dos “novos temas” da Defesa³ coloca a MB, ainda, frente às operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO)⁴, cujos protagonistas empregam com maestria diversas posturas típicas do guerreiro irregular (não em função de projeto político, mas de domínio criminoso).

Adiante serão apresentados os principais conceitos da guerra irregular, bem como o modelo teórico de contrainsurgência de David Galula.

³ O Livro Branco de Defesa Nacional assim denomina os temas ligados ao problema das drogas e delitos conexos, proteção à biodiversidade, biopirataria, tensões decorrentes da escassez de recursos, defesa cibernética, desastres naturais, ilícitos transacionais, terrorismo e grupos armados à margem da lei (BRASIL, 2012).

⁴ Tipo de operação na qual o emprego esporádico e limitado do Poder Naval, após esgotados os instrumentos destinados à preservação da ordem pública, dar-se-á tanto no planejamento como na execução (BRASIL, 2014).

2 A CONTRAINSURGÊNCIA PELO MODELO DE DAVID GALULA

Neste capítulo serão apresentados os principais conceitos da guerra irregular, bem como o modelo teórico de contrainsurgência de David Galula, Coronel do exército francês, que pôde vivenciar quatro conflitos que marcaram profundamente a sua visão: a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Comunista na China, a Guerra Civil na Grécia e a Guerra da Argélia. Sua obra, de grande relevância, foi materializada no livro *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*⁵, publicado em 1964.

Sem negligenciar a variável “população”, centro de gravidade⁶ da guerra irregular, serão estudadas as por ele denominadas “considerações de comando”, vitais ao contrainsurgente, particularmente aquela que se refere à “necessidade de adaptação das forças armadas à guerra irregular”, contextualizando-a nas três primeiras fases de combate à insurgência do modelo de Galula.

A análise da referida teoria, sob o foco mencionado, permitirá, em momento futuro do trabalho, comparar o modelo com as ações de contrainsurgência empreendidas pelos estadunidenses no Iraque em 2006.

Para o estudo ora apresentado, será adotado o conceito de guerra irregular ou de insurgência definido por Galula, a saber: “É uma luta prolongada, conduzida metodicamente, passo a passo, a fim de alcançar objetivos intermediários que, ao final, levarão à derrubada da ordem vigente” (GALULA, 1964, p. 4, tradução nossa)⁷.

⁵ “Guerra de Contrainsurgência: Teoria e Prática” (Tradução nossa).

⁶ O Centro de Gravidade (CG) é uma fonte de força, poder e resistência física ou moral que confere ao contendor a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate (BRASIL, 2013).

⁷ No original em inglês: “Insurgency is a protacted struggle conducted metodically, step by step, in order to attain specific intermediate objectives leading, finally to the overthrow of the existing order”. Os seguintes conceitos são adotados pela MB: “Guerra Irregular ou de Insurgência é a forma, método ou processo de realizar operações militares, por forças irregulares, contra um governo estabelecido ou forças de ocupação, compreendendo ações interligadas de guerra de guerrilha e subversão” (BRASIL, 2008, p. 1-3); e forças irregulares são aquelas que se caracterizam pela mobilidade, ações ofensivas e por explorar o princípio da surpresa, contando ainda com: apoio da população civil e apoio externo (BRASIL, 2008).

O capítulo estruturar-se-á em: uma seção contextualizando as características da guerra irregular, uma definindo o centro de gravidade, uma abordando a necessidade de adaptação das forças militares à guerra irregular e uma contendo conclusões parciais.

Será contextualizada, a seguir, a guerra irregular.

2.1 O leão contra a mosca: contextualizando a guerra irregular

O estudo das guerras leva, a despeito das peculiaridades da cada uma, a certos aspectos comuns, traduzidos quase como “leis” as quais não podem ser desprezadas. Napoleão Bonaparte (1769-1821), por exemplo, pregava que a vitória sempre iria para o maior dos batalhões; se fossem equivalentes, iria para o mais determinado; se igualmente determinados, venceria o que detivesse a iniciativa, impondo a surpresa (GALULA, 1964).

Mas a guerra irregular se caracteriza como caso excepcional por possuir regras especiais, diferentes do cartesianismo napoleônico, já que a maior parte das que se aplicam a um oponente não se aplicam ao outro (GALULA, 1964).

Exemplificou Galula:

Em uma luta entre um leão e uma mosca, esta não tem capacidade de, com um golpe, derrubar o leão, ao passo que aquele não pode voar. A guerra é a mesma para ambos os oponentes, em termos de espaço e tempo, mas existem duas formas de lutar: a do insurgente e a do contrainsurgente (GALULA, 1964, p. xi, tradução nossa)⁸.

A fluidez é a característica que possibilitará ao insurgente evitar o inimigo (GALULA, 1964).

É exatamente essa fluidez que permitirá que a “mosca” desapareça após cada ataque, deixando para trás um “leão” ferido e frustrado que não teve sequer a oportunidade de usar sua enorme força. Dessa forma, já que o insurgente é fluido por natureza, não possuindo

⁸ No original em inglês: “In a fight between a fly and a lion, the fly cannot deliver a knockout blow and the lion cannot fly. It is the same war for both camps in terms of space and time, yet there are two distinct warfares – the revolutionary’s and, shall we say, the counterrevolutionary’s”.

responsabilidades administrativas pelo terreno onde atua, detém a iniciativa. O contrainsurgente, por sua vez, é rígido, já que precisa estar fisicamente presente a fim de materializar seu domínio. A rigidez do contrainsurgente se materializa ainda em sua doutrina, sua organização e seu treinamento.

Vale, sob esse aspecto, observar que Galula considera um insurgente único e coeso. Nas situações em que mais de uma força insurgente mostrar-se envolvida, é razoável assumir que as características letais serão potencializadas. A presença de duas ou mais forças fluidas na mesma zona de ação desgastará e confundirá, ainda mais, o contrainsurgente.

Prosseguindo a análise, Galula salienta que os aspectos tangíveis do poder são favoráveis ao contrainsurgente, tais como a força militar e recursos financeiros. Mas o aspecto intangível de poder fundamental, o poder ideológico de uma causa, está normalmente a favor do insurgente. Dessa forma, a conversão de seu poder intangível em tangível passa a ser seu foco, ou seja, o insurgente precisa ampliar seu poder concreto. Essa característica da guerra irregular faz com que também seja conhecida como assimétrica (GALULA, 1964).

Mas existe um aspecto material que está, paradoxalmente, ao lado do insurgente: ainda que sofra a escassez de recursos financeiros, os quais normalmente virão do meio exterior, para a ele a guerra é barata (GALULA, 1964).

Conclui-se que existe um desequilíbrio de recursos materiais em proveito do contrainsurgente, e de fluidez em favor do insurgente. Esse possui, ainda, a iniciativa das ações já que decide pelo enfrentamento ou não.

Será abordado o que é considerado o centro de gravidade desse tipo de luta.

2.2 O centro de gravidade

Em uma guerra regular, as ações militares e, em segundo plano, a diplomacia, a propaganda e a pressão econômica são geralmente as ferramentas principais para a

consecução dos objetivos políticos traçados (GALULA, 1964).

O cenário é diferente em uma guerra irregular. O objetivo é a própria população: sob a ótica do insurgente, persuadi-la à sua causa; e sob a ótica adversária, mantê-la, pelo menos, submissa, mas preferencialmente simpatizante (GALULA, 1964).

O insurgente, pode-se concluir, ciente de suas fraquezas, evitará levar a luta diretamente ao inimigo, atacando suas forças e visando seu território. A lógica o força a um novo campo de batalha no qual possui melhores chances de sucesso. A “batalha pela população” passa, naturalmente, a ser o grande foco de ambos os lados.

Se o insurgente consegue dissociar a população do contrainsurgente, controlá-la fisicamente e dela obter apoio, ele vencerá a guerra já que, em última análise, o exercício do poder político depende do apoio tácito ou da submissão da população (GALULA, 1964).

Sob a ótica do civil residente na área conflagrada, aquele mais determinado e em melhores condições de lhe prover segurança não só imediata, mas duradoura, será, certamente, o mais forte candidato a receber o seu suporte (GALULA, 1964).

Não é difícil concluir que desse apoio advêm meios, informações, material, recursos humanos e outros de toda ordem, daí sua caracterização como o centro de gravidade. Mas para que a população ofereça ajuda a qualquer dos lados precisa sentir-se segura a fazê-lo. Daí se desdobra uma consideração vital para a conquista da população: o contrainsurgente precisa fornecer-lhe segurança, o que é imprescindível a qualquer ser humano.

Dessa forma, a “batalha pela população” é, acima de tudo, uma batalha política. A política se torna parte vital das operações e deve estar amplamente conectada a elas. O efeito de tais operações, sob o prisma político de como atingirá a população, deve ser amplamente discutido. Vitórias táticas, sob o ponto de vista militar, podem ser, na dura realidade da guerra irregular, estrondosas derrotas estratégicas pelo dano causado à população, o que será, por certo, explorado pelo inimigo em sua propaganda.

A grande e vital carência de ambos os lados na guerra irregular é o conhecimento, materializado nos dados de inteligência. E esses, dentre suas diversas fontes, encontrarão na população a sua principal, reiterando seu papel como o centro de gravidade da guerra irregular.

A seguir serão abordadas as adaptações necessárias às forças regulares.

2.3 Da estratégia à tática: a necessidade de adaptação das forças armadas à guerra de contrainsurgência segundo o modelo de David Galula

Galula, em sua obra, enumera algumas “considerações de comando” que são vitais para que o contrainsurgente possa pôr sua estratégia em prática. Tais considerações são: direção única de todas as ações; primazia do poder político sobre o militar; coordenação de esforços; e necessidade de adaptação das forças armadas à contrainsurgência (GALULA, 1964). Para efeito da análise deste trabalho, será dada ênfase nessa última consideração.

O autor, a seguir, define oito passos da contrainsurgência em uma determinada região, a saber: primeiro passo – Combate inicial; segundo passo – Posicionamento das unidades estáticas; terceiro passo – Contato com os habitantes e controle populacional; quarto passo – Destruição da organização política inimiga; quinto passo – Eleições; sexto passo – Formação de líderes; sétimo passo – Criação de um partido; e oitavo passo – Destruição final da insurgência (GALULA, 1964).

Este trabalho, então, concentrará seu esforço na necessidade de adaptação das forças armadas à contrainsurgência, limitando o campo de estudos especificamente aos três primeiros passos da teoria de Galula.

Segundo o autor, enquanto o insurgente for incapaz de construir um exército regular, o contrainsurgente não demandará forças pesadas convencionais, com toda a sua

estrutura. Precisará, muito mais, de unidades de infantaria, com o máximo de mobilidade possível. Será necessário eventual apoio de artilharia, cavalaria blindada, dentre outros. Sua força aérea deverá ser capaz de prover mobilidade (grande demanda de helicópteros), aviões de observao e de ataque ao solo (GALULA, 1964).

A adaptao, entretanto, vai muito além. Em algum momento no processo de combate  insurgência, os militares que tomaram parte inicialmente nos confrontos ver-se-o instados a atuar em inúmeras outras tarefas, essenciais  obteno do controle e do apoio da populao. Propaganda, coleta e busca de dados, controle populacional, dentre outras, passarão a ser suas atividades predominantes (GALULA, 1964).

Dessa maneira, já se pode concluir que o militar que em dado momento enfrenta um inimigo feroz, em outro instante segura uma criança ou distribui água e comida. Esse combatente precisa ser especialmente trabalhado e apresentar certas características que o façam vitorioso. Passam a ser vitais, então: paciência no trato com os problemas da populao; combinao de cordialidade e firmeza; entendimento e respeito dos costumes locais; dentre outros atributos⁹. Evitar o dano colateral tem que ser prioridade, mas sem que isso impeça que o contrainsurgente reaja vigorosamente às aoes violentas do insurgente.

A seguir será detalhada a adaptao necessária às forças armadas para operaoes de combate às forças irregulares.

2.3.1 Adaptao para as operaoes de combate às forças irregulares

Se a insurgência possuir forças dominando determinada área, o primeiro passo  sua destruio e expulsão daquele local. Mas tal destruio jamais será total. Os insurgentes, por certo, reagrupar-se-o e reaparecerão (GALULA, 1964).

⁹ Como exemplo ilustrativo, o autor deste trabalho pôde vivenciar tais demandas no conflituoso processo de pacificao do Haiti, no 5 Contingente da Missão das Naoes Unidas para a Estabilizao do Haiti (MINUSTAH), em 2006.

Um grande cerco é realizado pelas unidades principais, dotadas de grande mobilidade, e a ação então segue de fora para dentro em busca de insurgentes. Após percorrer toda a área, as unidades passam à varredura de dentro para fora. A área é então dividida em setores, onde são estabelecidas unidades secundárias fixas. Mas as unidades principais permanecem no entorno até que as fixas possam exercer efetivo controle (GALULA, 1964).

O grande propósito desses primeiros ataques é, além do efeito moral sobre o inimigo e sobre a população, retomar a área e possibilitar o desdobramento posterior de unidades estáticas, as quais permanecerão fixas no local.¹⁰

A centralização tradicional das unidades de combate é, subitamente, convertida em grande descentralização. Frações menores estarão espalhadas por toda a área, passando a estar próximas da população. O cenário, então, é de pequenas células espalhadas, por parte do insurgente; mas também pequenas frações contrainsurgentes desdobradas.

Logo após, intensas ações de propaganda devem ter início sobre os insurgentes, população e contrainsurgentes. Os insurgentes serão provocados a aceitar o combate em momento de grande enfraquecimento. A população será estimulada a cooperar, mas sem participação prematura na luta, o que poderia gerar punições. A neutralidade da população é buscada. Por fim, o contrainsurgente deverá sofrer rigoroso processo de doutrinação visando não se confrontar com a população. As operações, até então, serão predominantemente de combate e provavelmente acarretarão grandes danos, os quais poderão gerar revolta. Tal fato será explorado pelo insurgente, ao qual interessa que aquela se rebele (GALULA, 1964).

Pode-se concluir pela enorme importância da utilização da propaganda, que hoje conhecemos, em espectro mais amplo, como Operações Psicológicas¹¹.

¹⁰ O autor pôde verificar, tanto no Haiti quanto em operações de GLO no Brasil, que a neutralização ou captura das principais lideranças adversas nesse momento causa grande impacto psicológico, tanto na população quanto nas forças irregulares.

¹¹ Operações Psicológicas compreendem as atividades políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos (inimigos, hostis, neutros ou amigos) emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução dos objetivos nacionais (BRASIL, 2014).

Dando sequência às operações de combate, as unidades principais serão realocadas a outras áreas conflagradas e seguir-se-á uma série de novas tarefas a cargo das unidades secundárias fixas, com o objetivo final de conquistar e manter o centro de gravidade.

O cenário, em resumo, evoluiu de intensos combates a fim de reconquistar o terreno, com ocorrência de danos colaterais, para o estabelecimento de unidades contrainsurgentes dispersas junto à população em busca do seu suporte.

A seguir serão abordadas as adaptações necessárias ao controle da população.

2.3.2 Adaptação ao contato com a população e seu controle pelas unidades estáticas

Como visto, a eliminação total da insurgência até tal momento é algo improvável.

Se existe uma causa concreta, o inimigo viverá momentos de retração e reorganização para, após, reiniciar suas ações. Estará muito enfraquecido e precisará, mais do que nunca, do suporte da população. É o momento, pois, de uma mudança do foco das forças militares: do inimigo para a população (GALULA, 1964).

As forças estáticas desdobradas na localidade permanecerão pressionando células inimigas que porventura se mostrem em alguma ação, mas sem esquecer jamais da sua nova prioridade: conquistar os “corações e mentes” da população (GALULA, 1964).

As unidades estáticas não focarão em ações insurgentes nos arredores, ficando tal tarefa a cargo das unidades móveis. Seu objetivo é atingir elevado nível de aproximação com a população, o que acarretará o estabelecimento de laços (GALULA, 1964).

Nas subdivisões da área, atuarão frações que Galula denomina “unidades básicas de guerra irregular”¹², que deverão ser tão menores quanto possível. Segundo o autor, são as peças mais importantes e responsáveis pela vitória ou derrota já que atuam imersas na

¹² No original em inglês: “basic unit of counterinsurgency warfare” (GALULA, 1964, p. 80, tradução nossa).

população. Quanto mais dispersas as unidades estáticas, maior a importância das reservas móveis a fim de, se necessário, garantirem reforço.

As tropas deverão estar exatamente nos locais em que reside a população e não em locais de valor militar. Um local valioso na guerra convencional, na irregular pode não proporcionar vantagem alguma. Fortificações para alojamentos das tropas devem ser evitadas pelo aspecto psicológico e substituídas por instalações dentro da localidade, adjacentes às pessoas cujos problemas precisam conhecer e ajudar a resolver. Tal conduta potencializará os laços e ajudará a definir as ações de desenvolvimento civil a seguir (GALULA, 1964).

Enfatiza-se a importância em aproximar-se a tropa da população, mesmo assumindo risco muito elevado fruto da dispersão de pequenas frações em área com presença inimiga fluida.

O autor ressalta que ações de propaganda sobre o contrainsurgente e sobre a população devem ser o próximo ato.

No que tange ao contrainsurgente, torna-se vital explicar que suas tarefas migrarão do uso da força para outras ações demandadas pela própria população.

Os chefes militares deverão verificar aqueles soldados que não demonstram perfil para atuarem junto aos civis. Tais militares, caso não se adaptem, deverão ser realocados para unidades móveis, de combate (GALULA, 1964).

Quanto ao uso da força, a vitória deixa de ser a destruição do inimigo e passa a ser a conquista da população. A mente do soldado deve ser, então, trabalhada. Um militar que sofre fogos em uma guerra regular deve responder prontamente. O mesmo não se verifica na guerra irregular. A presença da população redundará na utilização mínima de fogo a fim de mitigar o dano colateral.

Quanto à população, a propaganda visará retirá-la de uma situação inicial de não aceitação para a de aceitação e simpatia pelo contrainsurgente (GALULA, 1964).

Uma vez fixadas na localidade as unidades estáticas, três objetivos afloram: reestabelecer a autoridade do contrainsurgente, isolar a população da influência do insurgente e obter dados de inteligência (GALULA, 1964).

Pode-se concluir que o controle populacional passa a ser a prioridade e demanda complexa gama de novas tarefas. Para eficazmente conduzi-las, o contrainsurgente deve ser preparado, inclusive, para as ações de polícia a fim de reprimir as condutas inapropriadas.

As ações de obtenção de dados são intensificadas já que as frações estão cada vez mais próximas da população. A mentalidade de inteligência da tropa deve ser muito bem trabalhada. Cada pequena informação pode ter grande significado quando integrada.

Em paralelo, ações cívico-sociais¹³ ocorrerão. Trata-se de fase crítica de transição da postura militar para a postura de controle (GALULA, 1964).

É o momento em que se caminha para a conquista da população. As demandas principais são mapeadas, ações cívico-sociais realizadas e a sensação de segurança se estabelece pouco a pouco. Trata-se da conquista dos “corações e mentes”, jogo que envolve grande necessidade de preparação adequada dos militares. Envolve ainda um grande processo de entendimento acerca da cultura local, o que permitirá a transposição do abismo existente.

Seguem-se conclusões parciais do Capítulo.

2.4 Conclusões parciais

Neste capítulo foram descritos os principais conceitos da guerra irregular, sob o prisma particular de David Galula, com foco nas suas características, no centro de gravidade e na necessidade de adaptação das forças militares à guerra irregular.

¹³ O que Galula denomina em sua obra de “civic actions” ou “ações cívico-sociais” (tradução nossa) tem aderência ao conceito de Operações Civis-Militares adotado pela MB, a saber: aquelas que visam estabelecer influência ou capitalizar as relações de cooperação e coordenação entre as forças militares, a população e as autoridades e organizações governamentais ou não governamentais, tendo como propósito facilitar a condução de outras operações, bem como a conquista de objetivos militares (BRASIL, 2014).

Inicialmente foi abordada sua primorosa caracterização da “luta do leão contra a mosca”, em que o autor apresenta as diferentes características dos atores, conhecimento que é fundamental para a vitória em uma guerra dessa natureza. Apresenta que a iniciativa é predominantemente do insurgente que, pela sua fluidez, consegue aplicar duros golpes e evadir-se, gerando enorme frustração no oponente. Esse, embora mais forte, se sente impotente para aplicar sua força. Aponta, ainda, que a guerra demanda poucos recursos para o insurgente, em oposição ao que ocorre com seu adversário.

Uma conclusão extremamente pertinente se faz: se o inimigo irregular tem tamanho poder, fruto de sua fluidez, o que dirá de um ator que enfrentar dois ou mais grupos insurgentes distintos? Tudo leva a crer que haverá maior desorientação e grande dificuldade por parte do contrainsurgente. Tal poderá ser, até mesmo, fatal.

Em seguida, foi definida a população como principal objetivo ou, em termos mais amplos, centro de gravidade desse tipo de guerra. Trata-se da “batalha pela população”, já que essa será fonte preciosa de informações, suprimentos e voluntários.

Nesse diapasão, conclui-se que tal batalha é, acima de tudo, política. A política passa a preponderar sobre as operações militares já que os efeitos dessas sobre a população devem ser amplamente prospectados por ocasião de seus planejamentos.

Por fim, após tais fundamentos, considerados os alicerces para a compreensão da guerra irregular, passou-se a discorrer sobre os pontos principais selecionados da teoria, os quais, mais a frente, serão utilizados para a análise do caso particular. Trata-se da necessidade de adaptação das forças militares à contrainsurgência em dois momentos: no combate inicial que culmina com o posicionamento de unidades estáticas; e no ato seguinte, quando tais unidades exercerão o controle da população garantindo, assim, a vitória.

O soldado que antes buscava impor ao inimigo o máximo de fogo e destruição, passa a ter que lidar com o zelo em evitar o dano colateral, o que poderá acarretar a perda da

luta pela população, e, por conseguinte, a perda da própria guerra. Essa luta, segundo o autor, passa a ser travada no coração da população, no qual o contrainsurgente deve estar fixado de modo a gerar fortes e indissolúveis laços.

No primeiro momento, conclui-se que o efeito é físico, de máxima destruição possível do inimigo, mas também moral. O insurgente deve perceber a determinação do contrainsurgente, mas a minimização do dano colateral deve preponderar. A população deve entender que as forças militares não desistirão da retomada da área. Dessa maneira, as ações cívico-sociais, carro-chefe da fase seguinte, deverão ser desencadeadas. O grande objetivo é o posicionamento irreversível de unidades militares estáticas no seio da população.

No ato seguinte, as pequenas frações já posicionadas no interior da localidade iniciarão ações visando os “corações e mentes”. Essa proximidade busca o estabelecimento de laços com a população, que farão com que a mesma venha a apoiar o contrainsurgente. O objetivo migra do inimigo para as pessoas residentes na área, mas sem esquecer que o insurgente está exatamente ali, ainda que mesclado. Surgem, então, novas competências demandadas às forças militares tais como: capacidade de lidar com a população, redução do dano colateral pelo uso gradual da força, uso de ferramentas de operações psicológicas, ações de inteligência, dentre diversas outras.

A seguir será estudada a OIF, desde seus antecedentes até a materialização da insurgência, a fim de descrever a forma como o exército estadunidense conduziu as operações de contrainsurgência, particularmente nas três primeiras fases apresentadas do modelo de Galula.

3 A CONTRAINSURGÊNCIA NA SEGUNDA BATALHA DE BAGDÁ (2006)

Entre 20 de março e primeiro de maio de 2003 os EUA lançaram a OIF, em prosseguimento às operações militares de combate ao terrorismo conduzidas pelo presidente George W. Bush, decorrência dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

Mas a impressionante vitória militar que derrubou Saddam Hussein deu lugar a uma sangrenta guerra irregular levada a cabo por um conjunto de diferentes grupos armados.

A situação no Iraque no início de 2006 se resumia a um quadro de violência generalizada, concentrada em enormes centros urbanos. Será analisada a situação particular na capital do país e como ali ocorreram as operações de contrainsurgência, mas não sem antes situar a complexa história do país, bem como os desdobramentos da queda do regime ditatorial e a explosão da violência sectária e religiosa.

A análise visa buscar conteúdo para, no capítulo seguinte, confrontar as medidas de contrainsurgência adotadas com o modelo teórico de David Galula, de modo a verificar se houve aderência e apontar demais conclusões.

O foco é a denominada Segunda Batalha de Bagdá, que ocorreu entre janeiro e novembro de 2006, analisando-a sob dois aspectos, de acordo com o modelo de Galula: a investida; e as ações de controle da população.

Será abordada, a seguir, a história do Iraque.

3.1 A complexa história do Iraque até a OIF

Às vésperas da OIF, o Iraque era um Estado brutalizado por uma ditadura sanguinária, liderada pelo tirano Saddam Hussein (SHULTZ e DEW, 2006).

Mas para compreender o que levou o país a esse cenário, precisamos retroceder no

tempo e estudar parte da sua complexa história.

A região onde hoje se encontra situado o país, historicamente denominada Mesopotâmia (região fértil entre os Rios Tigre e Eufrates) (FIG.1, ANEXO A), pode ser considerada o berço da civilização, já que os Sumérios (6400-1600 A.C) ali se estabeleceram em 5000 A.C. Tais foram sucedidos por outras civilizações, como os Babilônicos (626-539 A.C), porém uma, em particular, teve papel fundamental na formação do Iraque moderno: a Árabe-Islâmica (SHULTZ e DEW, 2006).

O Profeta Maomé (571-632), do Clã *Hashemita* da Tribo de Meca, derrotou seus oponentes e expandiu sua religião monoteísta pela península arábica a partir do ano 620, impondo-a às centenas de tribos. Seu Deus era denominado Alá e suas leis foram materializadas no livro sagrado denominado Corão. Após a morte do Profeta, Abu Bakr (571-634) o sucedeu como Primeiro Califa e expandiu os domínios. Tal expansão incluiu o atual território do Iraque, até então nas mãos dos Persas, descendentes do Império Persa (530-330 A.C) (SHULTZ e DEW, 2006).

Mas, ainda no século VII, complexos conflitos internos ocorreram na Antiga Mesopotâmia, essencialmente tribal, dando início a uma cisão entre grupos islâmicos distintos pela sucessão do Terceiro Califa. O Islã se dividiu, naquele momento, entre duas grandes correntes: a Xiita e a Sunita. As diferenças doutrinárias entre as duas persistem até a atualidade. Os xiitas veem a si mesmos como oponentes dos privilégios no Islã, para eles materializados na figura dos sunitas, que consideram como os usurpadores do poder naquela sucessão. A desobediência aos sunitas, maioria esmagadora na Península Arábica atual mas minoria no Iraque, passou a ser um dogma xiita (SHULTZ e DEW, 2006).

O caos se instalou na Mesopotâmia até sua conquista em 1638 pelo Império Turco-Otomano (1299-1923). Sob as severas regras otomanas, que vigoraram até 1918, não houve a união das tribos islâmicas, mas o agravamento das diferenças entre xiitas e sunitas.

Um novo ingrediente foi então acrescentado: migrações externas trouxeram povos asiáticos de origem curda que se instalaram no norte da região e passaram a conflitar com os turcos-otomanos a fim de constituírem seu próprio império (SHULTZ e DEW, 2006).

Sob a perspectiva tribal local, o uso da força foi a ferramenta dominante do guerreiro nômade da região. O beduíno desenvolveu técnicas de resistência contra povos diversos. Tais técnicas, com utilização de ataques de pequenos contingentes contra forças superiores, remetem ao que hoje conceituamos guerra irregular (SHULTZ e DEW, 2006).

Dessa forma já se consegue depreender que o entendimento da complexa situação encontrada pelos estadunidenses a partir de 2003 reside nas raízes da cultura tribal mesopotâmica, que ocasionou a cisão islâmica, seguida de dominação sunita. As diferenças foram agravadas não por anos, mas por séculos de violência sectária.

A cultura tribal local, que se apoiava nos clãs e famílias, não aceitava pacificamente governos centralizados, principalmente externos à sua cultura. O uso da violência contra oponentes mais fortes foi frequente. A luta contra tais inimigos se dava utilizando técnicas que hoje se assemelham à guerra irregular.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o controle do Império Turco-Otomano sobre a região era frágil. As potências europeias viram ali possibilidades geopolíticas. Particularmente, o Reino Unido (UK) vislumbrava uma estratégica via de comunicação com suas possessões e conquistou a região em 1917 (SHULTZ e DEW, 2006).

Ao final da guerra, os britânicos dominaram as três ex-províncias turcas que compunham a Mesopotâmia: Mosul, ao norte, com povos curdos; Bagdá, no centro, sunita; e Basra, ao sul, xiita. O que se seguiu foi a instalação de um sistema de mandatos para manter o domínio de toda a região, materializado pela Conferência de San Remo, de 1920. O controle da Mesopotâmia permaneceria em mãos britânicas. Tal sistema foi considerado pelos árabes como humilhante e os levou a iniciarem uma rebelião com o objetivo de expulsar os

estrangeiros (SHULTZ e DEW, 2006).

O UK decidiu criar então, em 1921, o Estado do Iraque, englobando as citadas três províncias e uma infinidade de diferentes tribos. Decidiram mantê-las unidas em um só Estado, com sede em Bagdá, acreditando assim ser mais fácil o exercício do controle da nova colônia, bem como das recém-descobertas jazidas de petróleo (SHULTZ e DEW, 2006).

A liderança do país foi confiada aos sunitas, mas os britânicos adotaram a política ambígua de apoiar o poder local tribal. Tal postura estimulou a contestação à Bagdá em diversas regiões e teve sérias consequências para o Iraque (SHULTZ e DEW, 2006).

Dessa maneira, o que se observa nos anos subsequentes é que apesar da instalação de uma monarquia pelos britânicos, o sistema tribal, familiar, étnico e religioso persistiu. Tratava-se, pois, de um Estado artificial. Não havia sentimento de união e laços culturais comuns. O Iraque não se constituiu uma Nação¹⁴. O quadro que se seguiu é violento e caótico.

Entre 1921 e 1958, o recém-independente país mergulhou no caos. A monarquia era incapaz de manter a união e um golpe militar instalou a república em 1958. Novo período de violência se seguiu até que emergiu um novo ator: o movimento sunita Baathista. Fundado na Síria, em 1947, pregava o secularismo, o socialismo e o pan-arabismo¹⁵. Pregava, enfim, a ressurreição do sentimento árabe (SHULTZ e DEW, 2006).

O partido Baathista iraquiano se fortaleceu na cidade de Tikrit, onde criou uma milícia e, finalmente, tomou o poder em 1972. As famílias sunitas fortes da região eram personificadas por um ferrenho fundador do partido: Saddam Hussein. Após período sob comando de outras lideranças, ele finalmente toma o poder em 1979 e instaura um regime de terror. Ciente da história da região e da dificuldade de manter o controle, massifica os

¹⁴ Define-se “povo” como agrupamento humano com cultura semelhante – língua, religião e tradições - implicando certa homogeneidade e desenvolvimento de fortes laços entre si. “Nação” é a denominação de um povo ao fixar-se numa determinada área geográfica e adquirir certo grau de organização político-administrativa, mantendo-se unido por uma história e cultura comuns e pela consciência de que constituem uma unidade cultural. Por “Estado”, entende-se um povo organizado em um território sob um poder supremo (DIAS, 2011).

¹⁵ Ideologia surgida no século XIX que pregava a união dos povos árabes em um Estado independente (MAGNOLI, 2009).

membros de seu clã nos postos-chave, na Guarda Republicana (unidade de elite) e no violento serviço de inteligência, o *Mukhabarat* (SHULTZ e DEW, 2006).

Com tal aparato familiar-tribal, no qual a deslealdade valia a vida, Saddam se firmou no poder e logrou êxito em estabilizar o Iraque pela força e pelo terror.

O presidente, após conquistar a estabilidade interna, passou a ter pretensões expansionistas. Aventurou-se no Irã, o que gerou uma guerra entre 1980 e 1988, de enormes custos (US\$ 80 bilhões) e estrondosa derrota ao final; e em 1990 no Kuwait, o que gerou reação internacional e nova derrota na Primeira Guerra do Golfo (1991) (MAGNOLI, 2009).

Após tais conflitos, mais uma vez o Iraque mergulhava no caos. Xiitas e curdos se rebelaram contra o governo. A resposta foi violenta. A Guarda Republicana dizimou os xiitas no sul e os curdos foram atacados por armas químicas no norte (SHULTZ e DEW, 2006).

Os anos seguintes, até 2003, foram marcados por severas sanções da Organização das Nações Unidas (ONU) visando impedir que o Iraque se rearmasse, bem como exigia que cessasse seu programa de desenvolvimento de armas de destruição em massa (ADM). O povo sofria as consequências das sanções e passava fome. Grupos armados passaram a proliferar visando à derrubada do Partido Baathista (SHULTZ e DEW, 2006).

Dessa forma, contextualizou-se a complexa trajetória do Iraque, desde sua origem, até os momentos que antecederam a OIF. Saltam da análise os seguintes pontos:

- a) o Iraque foi um Estado criado artificialmente agrupando segmentos étnicos de diferentes origens, mesclados em uma sociedade de tradição tribal muito forte, o que o faz, até hoje, instável por natureza;
- b) existe uma cultura milenar de luta contra o invasor, normalmente mais forte, por meio de técnicas que hoje denominamos irregulares;
- c) tratava-se, às vésperas da OIF, de um verdadeiro barril de pólvora, composto por uma população miserável à qual se somavam as rivalidades sectárias;

d) houve enorme proliferação de grupos armados e milícias.

A seguir será tratada a OIF, que culminou com a ocupação estadunidense.

3.2 O prelúdio da OIF e a “vitória” de George W. Bush

Quando George W. Bush ascendeu ao poder nos EUA em 2001 encontrou um país dividido, mergulhado em contradições internas e externas. Havia uma fragilidade inata da nova administração, a qual tratou de desvanecer-se na manhã de 11 de setembro de 2001, com os ataques terroristas a Nova Iorque e Washington (PECEQUILO, 2012).

Após o ataque, o povo estadunidense clamava por um líder forte, capaz não somente de retaliar, mas também de prover segurança à população e com coragem para adotar posturas agressivas, visando à defesa dos interesses do país. George W. Bush, por mais polêmico que tenha sido, reunia tais características.

Os EUA levaram inicialmente a luta até o Afeganistão, base da organização terrorista Al Qaeda, fundada por Osama Bin Laden (1957-2011) no início dos anos 1980 para a expulsão dos soviéticos da Afeganistão, responsável pelos ataques. Mas para a cúpula político-militar dos EUA um passo maior precisava ser dado a fim de mostrar aos seus inimigos que empreenderiam uma guerra global contra os terroristas e contra os Estados que lhes dessem suporte. Tal passo estava claro na mente do neoconservador Donald Rumsfeld, Secretário de Defesa dos EUA: a invasão do Iraque, cuja ameaça residia na suposição de que possuía ADM (GORDON e TRAINOR, 2006).

O Secretário de Defesa queria promover uma revolução no pensamento militar vigente no Pentágono. Confrontando a cúpula do Estado-Maior das Forças Armadas dos EUA, quando apresentado a um planejamento militar de invasão do Iraque que envolvia 500.000 militares e seis meses de preparação, afirmou não ver a necessidade de empregar

mais do que 125.000 homens, já que o restante do poder requerido seria suprido pela tecnologia. Para ele, 45 dias de preparação seriam suficientes. O regime seria destruído por fatias: lideranças, ADM, Guarda Republicana, território e infraestrutura. Novas doutrinas influenciavam a visão de Rumsfeld, mas nenhuma tanto como a *Shock and Awe*¹⁶, o que o fazia desprezar os cálculos de planejamento dos militares (GORDON e TRAINOR, 2006).

As origens dos complexos problemas militares que se sucederam ao grande sucesso da OIF, culminando na insurgência e na guerra civil, residem, também, na interferência política ao planejamento contextualizada.

A dura experiência dos EUA no Vietnã marcou profundamente o país, mas seus ensinamentos pareceram esquecidos no limiar do século XXI. O planejamento do *Department of Defense* (DOD)¹⁷ focou nas três primeiras fases da guerra, a saber: planejamento, desdobramento e tomada do Iraque. Negligenciou, no entanto, as fases seguintes: término do conflito e efetivação do governo local. Se Rumsfeld estava certo quanto à vitória com menos tropas, desconsiderou que, após, precisaria de enormes efetivos para controlar um país de 438.000 km² e 30 milhões de habitantes (HOFFMAN, 2004).

Os EUA, então, derrotaram Saddam e tomaram o poder. Mas o que se viu após o discurso vitorioso de Bush ocorrido a bordo de um porta-aviões no Golfo Pérsico, em primeiro de maio de 2003, no qual afirmava o encerramento das principais operações militares, foi a explosão da violência que levou o país à beira do caos.

A seguir será situada a insurgência que se seguiu à vitória estadunidense.

3.3 A insurgência

Seguindo sua tradição milenar os iraquianos não aceitaram a dominação pelos

¹⁶ Doutrina “Choque e Pavor”, desenvolvida por Harlan K. Ullman e James P. Wade, que pregava o rápido domínio do campo de batalha e envolvia a paralisia das estruturas de comando e controle inimigas, por meio da intensa utilização de armas de precisão (GORGON e TRAINOR, 2006, tradução nossa).

¹⁷ “Departamento de Defesa dos EUA” (tradução nossa).

EUA e partiram para a luta irregular.

Ainda que designado “insurgência”, o conflito que se estabeleceu no Iraque envolvia um misto de grupos armados com os mais distintos interesses e motivações.

Tais motivações abrangeram as seguintes questões complexas: disputas políticas pós-Saddan Hussein; violência sectária entre sunitas, xiitas e curdos; violência ideológico-religiosa da *jihad* islâmica, ou guerra santa aos infiéis, cuja liderança é personificada nos EUA; e, por fim, um quarto grupo de criminosos e oportunistas que enxergavam nas lutas internas oportunidade de lucro pessoal (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

Os assim designados insurgentes eram, como visto, uma mistura que reunia os grupos mais diversos, com distintas motivações. Na capital possuíam enorme suporte da população, que abraçou rapidamente o mote de “combate à dominação estadunidense”, seguindo a cultura milenar. Algumas vezes o insurgente era um indivíduo realmente fiel às suas crenças, à sua tribo e à sua família; alguém que realmente acreditava que fazia o certo por seu país e por seu Deus e que sua luta o levaria à imortalidade. Mas existia uma enorme massa de outros combatentes que representavam a falência do Estado iraquiano.

Em Bagdá os grupos insurgentes se posicionavam em função da divisão sectária que existia na cidade (FIG.2, ANEXO B). Tais grupos, no início da Batalha, tinham como alvo principal as forças dos EUA, mas, ao final, lutavam mais entre si (BOGART, 2007).

A seguir serão detalhados os antagonistas dos EUA em Bagdá:

- a) Insurgentes sunitas – grupo dominante na era Saddam, seu efetivo na capital atingiu 20.000 militantes, principalmente ex-membros do regime Baathista, mas também jovens e desempregados. O grupo empregava a violência por meio de ataques deliberados e uso de *Improvised Explosive Devices* (IED), explosivos improvisados que eram colocados nas margens de ruas e estradas e acionados à distância por ocasião da passagem dos comboios. Não possuíam

liderança única constituída nem mesmo objetivos concretos, tão somente a oposição às forças de ocupação e aos xiitas e curdos. Também se envolveram em desavenças e conflitos com a Al Qaeda. Possuíam apoio da população dos bairros por eles dominados, o que lhes proporcionava grande capacidade de recrutamento (PIRNIE e O`CONNEL, 2008);

- b) Extremistas da Al Qaeda na Mesopotâmia – Saddam Hussein, às vésperas da OIF, necessitando de ajuda, acolheu membros da Al Qaeda oriundos do Afeganistão e da Síria. Seu principal objetivo eram as tropas dos EUA, mas também atacaram civis xiitas por meio de atentados a bomba. Foram os grandes responsáveis pela explosão da violência sectária. Possuíam efetivo aproximado de 2.000 militantes, cerca de 500 dos quais eram estrangeiros. Sua motivação básica era a *jihad* e tinham como principal liderança Abu Al-Zarqawi (1966-2006), que se subordinava diretamente a Osama Bin Laden (PIRNIE e O`CONNEL, 2008);
- c) Milícias xiitas – conforme as tropas da coalizão falhavam em prover-lhes proteção, os xiitas se organizaram em milícias. Com suporte financeiro do Irã, apoiavam as forças iraquianas e se infiltraram na polícia. Eventualmente, com estímulo iraniano, atacavam as forças dos EUA. Seu líder era Abd Al-Hakin. Dominavam a imensa e miserável área ao norte da capital denominada *Sadr City*. Possuíam cerca de 60.000 milicianos (PIRNIE e O`CONNEL, 2008);
- d) Gangues de criminosos – por ocasião da OIF, Saddam colocou em liberdade milhares de presos de alta periculosidade a fim de que criassem anarquia no país. Atuavam em sequestros, tráfico de drogas, contrabando e assaltos. Produziam IED e os vendiam a quem pudesse pagar, indiscriminadamente. Passaram a ser os grandes fornecedores dos diversos grupos extremistas. Não

possuíam liderança, tratando-se de centenas de grupos independentes de efetivo não conhecido. Raramente atacavam a coalizão (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

O conflito no Iraque, dessa maneira, passou a exceder em complexidade o próprio caos visto no Vietnã, pois envolveu um misto de grupos armados com motivações diversas, mas, basicamente, com uma bandeira comum: por fim à ocupação militar dos EUA no Iraque.

Os números da violência eram assombrosos, o que pode ser ilustrado pelos 1.105 assassinatos, 1.143 ataques terroristas e 219 ataques com IED apenas no mês de maio de 2006 na capital (GRAF. 1, ANEXO E).

O que se depreende é que o caos vigorava em Bagdá naquele ano, o que motivou uma nova batalha pela cidade, a qual será examinada a seguir.

3.4 A Segunda Batalha de Bagdá (2006)

Bagdá, a capital do Iraque, às vésperas da denominada Segunda Batalha de Bagdá, ocorrida entre janeiro e novembro de 2006, possuía sete milhões de habitantes (25% da população total do país) e era o centro administrativo (BOGART, 2007).

Durante a OIF, em 2003, a cidade foi conquistada pelas forças dos EUA no que foi conhecido como a Primeira Batalha de Bagdá. A pressão política exercida levou a uma antecipação da tomada da cidade. Na ocasião, os passos doutrinários do exército dos EUA não foram seguidos. Em vez de uma sequência lógica composta das fases de Aproximação, Investimento (cerco), Preparação, Assalto, Confronto e Ocupação; os EUA optaram por realizar a aproximação seguida de um assalto. Essa conduta possibilitou o escoamento da Guarda Republicana cujos componentes possuíam enorme espírito cívico e lealdade ao Partido Baathista. Tais elementos constituíram o embrião da insurgência (BOGART, 2007).

O preço da decisão de tomar rapidamente a cidade foi bastante elevado para os

EUA. Mergulhou a capital, nos meses seguintes, num quadro de violência generalizada. Os grupos insurgentes oriundos das forças armadas iraquianas e com enormes quantidades de armamento, munição e materiais militares diversos, tais como explosivos, organizaram-se nos arredores da cidade.

Dessa maneira, Bagdá no início de 2006, apesar de seu tamanho e complexidade, encontrava-se dividida em duas zonas distintas: a zona verde e a zona vermelha (FIG.3, ANEXO C). A zona verde era a designação de um imenso *bunker* estadunidense localizado na área do antigo palácio presidencial e arredores. Nessa fortificação a coalizão estabeleceu seu quartel-general, bem como o novo governo iraquiano (BOGART, 2007).

A zona vermelha era todo o restante da cidade, onde foi travada a batalha. Nessa área, as forças contrainsurgentes conviviam com o risco real de ataque, de dia ou de noite. A insurgência atuava livremente e com grande intensidade. O número de baixas da coalizão era imenso, fruto principalmente dos devastadores IED (BOGART, 2007).

Apesar dos confrontos diários na capital, as ações da OIF posteriores à ocupação do Iraque foram sendo desencadeadas. Na cidade foi estabelecida a *Multinational Division – Baghdad* (MND-B). Tal estrutura era nucleada por uma Divisão do exército estadunidense. No ano de 2005 o núcleo foi a 3ª Divisão de Infantaria, responsável pelo histórico processo eleitoral que instalou a democracia no país, ascendendo o líder xiita Nouri Al-Maliki. Aquela Divisão foi substituída pela 4ª Divisão, cujo núcleo era a 172ª Brigada (*Stryker Brigade*), de enorme poder de combate. Após o árduo processo eleitoral, a nova Divisão teria a tarefa de pacificar de vez a capital: tratava-se de uma nova batalha por Bagdá (BOGART, 2007).

O esforço de pacificação e restabelecimento da ordem na caótica capital em 2006 passou a ser designado Segunda Batalha de Bagdá e foi caracterizado por: diversas pequenas operações, entre janeiro e junho, a fim de obter consciência situacional; uma enorme operação de ocupação efetiva, entre junho e agosto; e inúmeras ações de Assuntos Cívicos em cada

região, a partir da pacificação dos bairros. Essa última fase deveria ser o carro-chefe da operação, cujo mote foi *Clear, hold and build, block by block*¹⁸ (BALLARD, 2010).

Dessa maneira, os objetivos da operação foram assim estabelecidos: estabilização de Bagdá por zonas; desativar as áreas de apoio à insurgência na capital; e ações com foco na população civil e desenvolvimento econômico.

Será caracterizada a importância de Bagdá para os insurgentes.

3.4.1 A importância de Bagdá para a insurgência

A insurgência via na capital o núcleo de sua luta. Era a partir daquela cidade que pretendiam desgastar as forças invasoras e irradiar a insurgência pelo país (BOGART, 2007).

A insurgência, de maneira mais organizada, ocorria pela ação da Al Qaeda, já que os demais grupos careciam de visão estratégica. Aquele grupo, no limiar de 2006, buscava fortalecer-se e adquirir capacidade de combater diretamente seu inimigo, o qual se encontrava enclausurado na zona verde (BOGART, 2007).

A importância de Bagdá pode ser atestada nas palavras de Bin Laden. Disse ele:

Digo aos americanos (*sic*) que nós continuaremos a lutar [...] até que vocês abandonem suas tolices e controlem seus aliados tolos. **Bagdá, o núcleo do Califado, não sucumbirá a vocês, pois essa é a vontade de Deus**, e lutaremos enquanto tivermos armas. Se por acaso falharmos agora, nossos filhos nos substituirão. Nós ganhamos experiência na guerra de guerrilha [...] contra a Rússia com nossos jihadistas lutando por dez anos até a vitória, na graça de Deus [...] Continuaremos na mesma política: fazer os americanos (*sic*) sangrarem profundamente, até que sucumbam [...] o assunto mais sério e importante dos nossos dias é a terceira guerra mundial iniciada pelos cruzados-sionistas contra a nação islâmica. Ela está ocorrendo na terra dos dois rios [...] seu pilar está localizado em

¹⁸ A estratégia *Clear, hold and build, block by block* sintetiza como tomar, ocupar e manter uma cidade usando os quarteirões como referência geográfica, bem como, na sequência, efetuar as operações de Assuntos Civis levando em consideração as necessidades de cada bairro (BOGART, 2007, tradução nossa).

Bagdá, a capital do Califado (*Apud* BOGART, 2007, p. 15 e 16, tradução nossa, grifo nosso)¹⁹.

Os alvos principais da Al Qaeda eram especificamente as tropas estadunidenses, contra as quais aplicavam golpes diários a fim de desgastar tanto os militares quanto a opinião pública dos EUA. Os alvos secundários eram os xiitas. O ataque a esses tinha objetivo maior: levar à guerra civil, que exigiria um salto no orçamento de guerra dos EUA e os levaria à falência. A Al Qaeda acreditava não somente na vitória, mas na redução da qualidade de potência mundial dos EUA pelo desgaste e endividamento (BOGART, 2007).

Para Bin Laden era em Bagdá que os muçulmanos iriam derrotar os estadunidenses e, posteriormente, expulsá-los de todo o Oriente Médio, bem como instalar a capital de um grande Califado. A partir da derrota em Bagdá, acreditavam que os EUA jamais recuperariam seu poder no cenário internacional.

Segue-se uma análise populacional de Bagdá em 2006.

3.4.2 *Um panorama da população*

O foco deveria ter sido, antes da operação, o entendimento da sociedade, do idioma, da cultura, da geografia, dos costumes e, principalmente, de como os habitantes da enorme metrópole viam as forças da coalizão (BOGART, 2007).

Entretanto o que se via era que a zona vermelha era um mar de desconhecimento para as forças estadunidenses e que havia, sem dúvida, um grande abismo cultural entre as forças de ocupação ocidentais e a população.

¹⁹ No original em inglês: “[...] I say to the American people we will continue to fight [...] until you abandon your follies and rein in your fools. Baghdad, the seat of the Caliphate, will not fall to you, God willing, and we will fight you as long as we carry our guns. And if we fall, our sons will take our place. We gained experience in the guerrilla warfare [...] against Russia with jihad fighters for 10 years until they went bankrupt, with Allah’s grace [...] We are continuing in the same policy: to make America bleed profusely to the point of bankruptcy [...] The most important and serious issue today for the whole world is this third world war, with the crusader-zionist coalition began against the islamic nation. It is raging in the land of the two rivers [...] it’s pillar is in Baghdad, the capital of the caliphate”.

Em 2005, meses antes da batalha, este era o panorama da cidade: as três principais prioridades eram eletricidade, segurança e água; 79% da população não confiava na coalizão; 65% estavam insatisfeitos com o novo governo; 25% apoiavam a insurgência; e 23% estavam desempregados (BOGART, 2007).

Dentre os principais pontos de insatisfação estava o caso peculiar dos ex-militares não radicais, já que as forças armadas foram desmobilizadas. Possuíam conhecimento e precisavam alimentar suas famílias, mas não conheciam outros ofícios. Foram facilmente recrutados pela insurgência (BOGART, 2007).

A maioria da população era composta por analfabetos, incapazes de ler jornais ou mesmo panfletos governamentais, mas que ouviam atentamente à propaganda insurgente diuturnamente difundida a partir dos alto-falantes das mesquitas (BOGART, 2007).

O ambiente operacional recebido pela 4ª Divisão em sete de janeiro de 2006 era, dessa maneira, caracterizado pela população vendo a coalizão como força de ocupação.

Os graves problemas sociais citados e muitos outros ajudam a compreender parte da dificuldade que se seguiu em obter o suporte da população e a derrota da insurgência na enorme metrópole.

Será estudado o início da Segunda Batalha de Bagdá.

3.4.3 A investida

A partir de janeiro de 2006, a *Stryker Brigade*, apoiada por forças especiais dos EUA, iniciou uma série de operações de menor envergadura nos arredores de Bagdá a fim de adquirir consciência situacional. Vale mencionar que se tratava de uma Brigada diferenciada, contando com o “estado da arte” em termos de tecnologia e recursos humanos. Mas apesar de possuir uma enorme quantidade de militares com experiência de combate, tinha acabado de chegar ao país e muito pouco sabia sobre a situação de Bagdá.

Naquele período, as forças de segurança iraquianas, treinadas e equipadas com auxílio de Washington, tentavam penetrar e estabelecer a ordem em algumas regiões. Em tal momento a MND-B classificava a situação na capital como crítica, com altos índices de assassinatos e postura anti-governo, o qual a maioria considerava imposto pelos estadunidenses (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

Grupos armados se deslocavam pelos bairros e assassinavam oponentes. No mês de junho, a título ilustrativo, foram 1.815 assassinatos por questões sectárias, religiosas ou políticas. As pessoas iniciaram uma migração, cada qual indo para as regiões onde predominava a sua orientação religiosa (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

Sem mais condições de aguardar, o Iraque e os EUA lançaram então, em junho de 2006, a fase seguinte da Segunda Batalha de Bagdá. Tratou-se da Operação *Together Forward*²⁰: invasão em larga escala, a partir do norte da cidade, pela *Stryker Brigade* (esforço principal), além das demais brigadas da 4ª Divisão do exército dos EUA; das 1ª Brigada da 9ª Divisão e 2ª Brigada da 6ª Divisão do recém recriado exército iraquiano e 4 companhias da polícia local. Tais efetivos somavam cerca de 7.200 militares dos EUA, 26.000 militares iraquianos e 21.000 policiais (EUA, 2006; KHALILZAD, 2006; e RUMSFELD, 2009).

A invasão se iniciou pelos bairros de *Adhamiyah e Mansour* (FIG. 2, ANEXO B). Após o domínio daqueles bairros em julho, finalmente em sete de agosto houve a invasão do bairro fortificado xiita de *Sadr City*, até então impenetrável. Os confrontos foram intensos e ocorreram, ainda, nos bastidores políticos, já que o Primeiro-Ministro xiita Maliki desejava que os combates ocorressem em áreas não xiitas (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

As ações, então, ocorreram nas regiões específicas levantadas nas operações preliminares do primeiro semestre e consistiram no vasculhamento de 20.000 casas. Para uma cidade com cerca de um milhão de residências, o enorme esforço parecia insuficiente. Muitas

²⁰ Tratava-se de uma operação que deveria ser conduzida em conjunto pelas forças dos EUA e iraquianas, razão do seu nome que, em tradução livre, significa “juntos avante” (BALLARD, 2010, tradução nossa).

vezes a resistência inimiga demandava a utilização de carros de combate, morteiros, fogos aéreos e demais armas de apoio. A experiente *Stryker Brigade*, mesmo visando alvos específicos e perfeitamente identificados, proporcionou danos muito significativos aos bairros. O dano colateral à população foi muito considerável, o que aumentou ainda mais o abismo entre os moradores e as forças norte-americanas (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

“Quando os americanos (*sic*) revidam a um ataque, não atiram nos agressores, mas na população [...] Por isso odiamos tanto os americanos (*sic*)”, disse ao *New York Times* Osama Ali²¹, de 24 anos, que testemunhou um ataque (*Apud* BOGART, 2007, p.17, tradução nossa).

As operações prosseguiram com incremento na utilização de apoio aéreo, o que foi fundamental para as ações de reconhecimento, ainda que dificultado pela densidade da metrópole. A utilização de Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT) foi particularmente importante, com suas novas tecnologias que proporcionavam apoio de fogo 24 horas por dia, mas com ocorrência de dano colateral (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

A população passa a ter a sensação que se deseja evitar em tal cenário: “o que já estava ruim passou a estar pior”. As colateralidades estadunidenses geraram, além da morte de muitos civis, danos severos às casas e à precária infraestrutura.

Seguiram-se 32.300 patrulhas de combate que visavam às bases insurgentes que, ao final, redundaram na captura de 43 depósitos de explosivos e armas. Houve uma mudança de atitude das forças, que incrementaram os Pontos de Controle de Trânsito (PCTran), a fim de retirar do inimigo a liberdade de movimento (KHALILZAID, 2006).

A resposta insurgente ocorreu entre julho e setembro, por meio de IED nas ruas, ataques suicidas com explosivos aos PCTran, ataques de atiradores aos soldados dos EUA e decapitações de colaboradores. Apesar das perdas, os insurgentes se regeneravam pelo esforço

²¹ No original em inglês: “When the Americans fire back, they don’t hit the people who are attacking them, only the civilians [...] This is why Iraqis hate the Americans so much”.

de recrutamento externo da Al Qaeda (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

A luta contra os IED em Bagdá foi árdua. Seus efeitos eram devastadores e foram responsáveis pelo maior número de baixas dos estadunidenses (50%). Seriam também os responsáveis por inúmeros casos de Síndrome de Estresse Pós-Traumático (SSPT) e transtornos de personalidade fruto de danos cerebrais nos veteranos de guerra. Os IED, em Bagdá, variavam de minas terrestres adaptadas até mecanismos sofisticados ativados à distância, bem como carros-bomba (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

Os ataques com esses dispositivos foram responsáveis pelo enorme incremento do custo militar da Operação para os EUA bem como pelo abandono da cidade por parte dos funcionários da ONU em setembro de 2006 (PIRNIE e O`CONNEL, 2008).

Os efeitos dos IED insidiam fortemente sobre a capacidade de combate das tropas dos EUA, que viam, dia após dia, militares sendo atingidos, sem que nada pudesse ser feito²². Os combatentes passavam a adotar posturas mais cautelosas e vacilavam em deixar seus veículos blindados para as invasões de casas e avanços pelos becos. Muitas vezes, quando IED eram localizados ocorria uma paralisia da operação em curso com o acionamento de equipes de desativação de artefatos explosivos.

O uso intensivo de explosivos foi acarretando uma modificação e adaptação gradual no equipamento militar e as forças passaram a receber, emergencialmente, veículos com mais blindagem e novos equipamentos de proteção individual, ampliando os custos militares (FIG.4, ANEXO D).

As operações ocasionaram cerca de 12.000 prisões, mas muitas vezes a falta de evidências redundava na liberação dos suspeitos. Havia pressões jurídicas derivadas dos abusos ocorridos na prisão de *Abu Graib*, em 2003, quando vazaram fotos e vídeos de torturas

²² Ilustrativamente, o autor deste trabalho testemunhou esse tipo de sentimento que se impõe sobre a tropa ocorrer nas operações no Haiti. O emprego de Comandos Anfíbios atiradores de precisão, previamente infiltrados nas localidades e provendo segurança às frações convencionais, foi extremamente eficaz e contribuiu para a redução do dano colateral bem como para a elevação no moral da tropa. Os agressores sofriam exatamente o mesmo que tentavam proporcionar: eram atacados, sem saber de onde, antes de desferirem seus golpes.

cometidas por militares dos EUA (PIRNIE e O`CONNEL, 2008). Mas, por fim, 411 insurgentes foram mortos e um número semelhante capturado (KHALILZAD, 2006).

A operação, ainda que transcorresse com certo sucesso, não reduzia a violência, o que era fator-chave para possibilitar a sequência de ações cívico-sociais. Os esquadrões da morte continuavam operando, ainda que com muito menor liberdade de movimento. Uma das principais razões estava na baixa qualidade das forças iraquianas que foram posicionadas nos bairros, bem como no enorme nível de infiltração insurgente tanto no exército quanto na polícia. Muitas vezes as informações sobre operações dos EUA eram passadas em tempo real o que possibilitava ataques insurgentes com grande êxito²³ (RUMSFELD, 2009).

Verifica-se que o posicionamento de unidades estáticas que se iniciava utilizou tropas iraquianas, o que acarretou dois aspectos importantes: manteve o distanciamento entre as forças dos EUA e a população; e possibilitou a infiltração de insurgentes nas forças iraquianas²⁴.

O quadro que reinava em agosto era de uma ocupação efetiva da capital por forças iraquianas, inclusive de áreas antes inacessíveis, bem como uma grande restrição aos movimentos da insurgência. Mas a violência persistia. Conforme os bairros foram sendo ocupados, o esforço de Assuntos Cívicos, que deveria ser o carro-chefe, vinha na sequência.

Esse esforço passará a ser tratado a seguir.

3.4.4 A ocupação e controle da população

A etapa seguinte ao posicionamento de unidades estáticas a cargo das forças

²³ A operação ocasionou a morte de 238 militares dos EUA (BOGART, 2007).

²⁴ No contexto da contrainsurgência no Haiti, o autor deste trabalho verificou o oposto. Tropas brasileiras se estabeleceram estaticamente no interior do principal bastião das Forças Adversas, a localidade de *Cité Soleil*. Tal possibilitou estreitamento cultural perante a população, exatamente como previsto na teoria de David Galula. No ano de 2006, após enorme resistência, os Fuzileiros Navais brasileiros conquistaram o último reduto, a subárea de *Bois Neuf*. Após essa conquista foram estabelecidos os Pontos Fortes 21 e 16, consolidando uma presença constante dos militares no seio da população, pelo autor testemunhada.

iraquianas consistiu das operações de Assuntos Cívicos, coordenadas diretamente pelas forças estadunidenses. As forças locais eram ainda extremamente despreparadas, infiltradas por insurgentes, desmotivadas e pouco confiáveis. Além disso, os próprios soldados partilhavam do sentimento geral sectário que estava impregnado na população. Já os militares de Assuntos Cívicos dos EUA dispunham de imenso conhecimento, recursos e capacidade.

Como visto na subseção 3.4.2, 65% dos habitantes da capital estavam insatisfeitos com o novo governo; 25% apoiavam explicitamente a insurgência; e 23% estavam desempregados. Conquistar os “corações e mentes” dessa massa era o foco daquele momento da Operação.

A partir de agosto de 2006 as ações cívico-sociais transcorreram em grande volume, em diversas áreas, sob o constante estresse dos confrontos diários e ataques de toda a natureza, o que gerou grandes baixas nas forças dos EUA. Tais ações abrangeram cerca de 10.000 km² e consistiram em promover serviços essenciais à população (saúde, água e eletricidade, dentre outros), bem como estimular a economia (BOGART, 2007).

A partir de um intenso trabalho de mapeamento das expectativas e carências da população, iniciado em 2004, as ações foram planejadas. Os tópicos analisados foram: assuntos políticos; processo eleitoral e partilha de poder entre os grupos religiosos; infraestrutura e serviços; apoio popular à insurgência; educação; economia (ênfase no comércio e agricultura); e aprimoramento das forças militares e policiais (BOGART, 2007).

Esse levantamento pôde identificar as causas principais da instabilidade, compreender a razão da concentração inimiga na capital, o sectarismo, as causas da aversão às tropas estadunidenses, bem como radiografar a deplorável situação socioeconômica da população. Foi fruto desse trabalho que as ações foram dirigidas para os pontos focais.

O objetivo das operações foi desenvolver a confiança da população mediante

resultados concretos que impactassem sua qualidade de vida e segurança²⁵. Como resultado secundário, a população estaria apta a fornecer informações que levassem à localização dos grupos insurgentes e seus depósitos de armamentos e explosivos (BOGART, 2007).

A MND-B visava, acima de tudo, negar a população ao inimigo.

O plano de Assuntos Cívicos, formulado enquanto aconteciam as ações preliminares e a grande investida, foi aprovado e posto em prática a partir de setembro. Tratava-se de um considerável esforço envolvendo 62.000 militares dos EUA e do Iraque, que alcançava cerca de 10 milhões de iraquianos, já que incluía todo o entorno agrícola da capital. Abarcava 1.044 projetos de infraestrutura no montante de US\$ 138 milhões (BOGART, 2007).

A análise das Operações realizadas, cuja síntese pode ser verificada no QUADRO 1, APÊNDICE A, mostra a grandiosidade dos esforços, o foco e os locais de incidência.

Como visto, tratou-se de um enorme esforço cívico-social que certamente proporcionou grandes conquistas, sendo a maior delas o apoio de parcela da população. Os militares estadunidenses agiram com grande profissionalismo, bem como despenderam enorme aporte de recursos. Com relação à violência sectária, houve significativa redução nos meses que se seguiram à Operação, mas os índices ainda permaneceram muito elevados, num quadro que caminhava para a guerra civil (GRAF. 2, ANEXO F).

Adiante serão apontadas conclusões parciais.

3.5 Conclusões parciais

Neste capítulo foi descrita a contrainsurgência na Segunda Batalha de Bagdá. Previamente, visando alicerçar a análise, foi estudada a história da região onde hoje se situa o Iraque, bem como as origens da violência que assola o país.

²⁵ No Haiti, a título ilustrativo, o autor testemunhou que as ações consideradas de maior aceitação, em meados de 2006, eram as obras de engenharia, já que proporcionavam melhorias concretas e permanentes.

Inicialmente foi contextualizada a complexa trajetória do Iraque, desde suas origens, sobressaindo-se que: o Iraque foi um Estado criado artificialmente agrupando segmentos étnicos de diferentes origens, mesclados em uma sociedade de tradição tribal muito forte, o que o faz, até hoje, instável por natureza; existe no Iraque uma cultura milenar de luta contra o invasor, normalmente mais forte, por meio de técnicas que se assemelham ao que hoje denominamos guerra irregular; às vésperas da OIF o país era um barril de pólvora, com uma população miserável e faminta, o que se somava às violentas e insolúveis rivalidades sectárias; e houve enorme proliferação de grupos armados e milícias.

Seguiu-se análise da OIF, concluindo-se que as origens da insurgência residiram, além dos aspectos culturais supramencionados, também na forte interferência civil no planejamento. A fácil vitória militar sobre Saddam deu lugar a uma custosa guerra irregular que lançou o Iraque em direção ao caos.

Apontaram-se as razões do foco insurgente predominar em Bagdá, que seria a sede do novo Califado; e o farto apoio inicial que recebeu da população, a qual abraçou a causa milenar do combate à dominação estrangeira. Concluiu-se que a insurgência não era coesa, mas um emaranhado de grupos de causas diversas. Dessa forma, não se tratou de um combate clássico de “contrainsurgente *versus* insurgente”. Na verdade, o que se viu foram insurgentes atacando individualmente o contrainsurgente, mas também digladiando-se.

Prosseguiu-se com a descrição da Segunda Batalha de Bagdá propriamente dita. Podemos afirmar que foi composta das operações preliminares para obtenção de consciência situacional, de uma enorme operação de combate e de diversas operações de Assuntos Cívicos. Tal conjunto redundou grande êxito sob o ponto de vista tático-operacional, mas resultou num impasse estratégico.

Do ponto de vista tático, foi responsável pela morte de centenas de insurgentes, bem como pela prisão de tantos outros. Possibilitou, ainda, a captura de quantidades enormes

de armamento, munição e explosivos.

No que tange à postura das forças militares dos EUA, constatou-se que a utilização dos IED desencadeou efeito devastador nas tropas, que passaram a adotar postura mais cautelosa, bem como aumento significativo de gastos para prover proteção aos militares.

Operacionalmente falando foi obtido sucesso no posicionamento das tropas iraquianas na capital, bem como houve grande interação dessas com as forças estadunidenses. Mas a utilização de unidades estáticas iraquianas impediu uma maior aproximação cultural das forças dos EUA com a população, bem como permitiu ampla infiltração insurgente nas forças iraquianas.

No panorama estratégico a análise se mostra mais complexa. A Batalha proporcionou danos colaterais muito grandes à população, que passou a questionar se realmente as forças dos EUA e do Iraque estariam promovendo uma melhora significativa em suas vidas. Por outro lado, tais danos foram parcialmente compensados com as operações de Assuntos Cívicos que foram desencadeadas. Os investimentos foram concretos e acarretaram resultados imediatos, frutos de criteriosa análise de dois anos acerca das demandas dos iraquianos. Geraram, de certo, grande apoio popular.

Mas, apesar de tantos êxitos e da redução dos índices de violência na capital, tais continuaram muito elevados. O panorama final foi da continuação da violência sectária. Os bairros, agora mais concentrados em virtude das migrações internas, guerreavam com centenas de mortos. A população pagava o preço da violência sectária. As forças da MND-B ainda sofriam ataques, mas se antes da Batalha eram o principal alvo, agora eram secundários. O quadro havia certamente evoluído para uma guerra civil, assistida pelas forças dos EUA.

No capítulo seguinte será avaliada se a sistemática empregada pelas forças dos EUA na Segunda Batalha de Bagdá teve aderência ao modelo de David Galula.

4 O CONFRONTO ENTRE O MODELO TEÓRICO E A CONTRAINSURGÊNCIA NA SEGUNDA BATALHA DE BAGDÁ (2006)

Nos capítulos dois e três foram descritos os principais conceitos da guerra irregular, sob o prisma de David Galula, com ênfase na necessidade de adaptação das forças militares à guerra irregular; bem como analisada a denominada Segunda Batalha de Bagdá.

Será realizado, a seguir, um confronto entre a teoria e a realidade, de modo a concluir sobre a existência ou não de aderência entre o modelo e as ações em Bagdá.

4.1 Adaptação das forças armadas à contrainsurgência

A caracterização da “luta do leão contra a mosca” de Galula, que prega as enormes diferenças entre os oponentes em uma guerra irregular, foi claramente materializada no Iraque. Após a relativamente simples conquista do país, iniciou-se uma guerra irregular cuja iniciativa foi predominantemente dos insurgentes que souberam valer-se da enorme fluidez. Galula focou suas análises primordialmente nos ambientes de florestas ou montanhas, mas a fluidez que se viu no Iraque foi diferente, já que ocorreu em ambiente urbano, nas metrópoles do país. Bagdá, em particular, com sete milhões de habitantes, favoreceu os ataques e posterior escoamento insurgente, deixando para trás o “leão” ferido e atordoado.

Na capital houve características que potencializaram o poder da insurgência:

- a) os opositores à ocupação do Iraque possuíam enorme motivação, alimentada por uma tradição milenar tribal de lutar contra invasores mais fortes;
- b) tratavam-se de diversos grupos insurgentes, de motivações distintas;
- c) dentre as motivações existia a religiosa fundamentalista, por si só fonte de enorme poder a uma causa.

No que tange ao foco principal deste trabalho, “a necessidade de adaptação das forças militares à contrainsurgência”, tal foi analisado em dois momentos: no combate inicial ou investida; e na fase seguinte, de controle da população. O primeiro culmina com o posicionamento de unidades estáticas. Já no momento seguinte tais unidades exercerão o controle da população garantindo, assim, a vitória por meio da sua conquista.

Inicialmente, na investida, doutrinariamente se faz necessário impor grande força de modo a causar máxima destruição ao oponente. Isso foi verificado na prática. A Segunda Batalha de Bagdá foi fiel em utilizar enorme superioridade militar e de recursos, mostrando grande determinação tanto ao oponente, quanto à população.

Do ponto de vista tático foi responsável pela morte de centenas de insurgentes bem como pela prisão de tantos outros. Possibilitou, ainda, a captura de quantidades enormes de armamento, munição e explosivos.

Ainda na investida, deve existir a preocupação de dosar tal agressividade com o mínimo de dano colateral a fim de favorecer a fase seguinte, a de conquista da população. Sob esse aspecto, as táticas da insurgência, baseadas na luta do mais fraco contra o mais forte, lograram êxito ao ocasionar grande inquietação nas tropas estadunidenses. A utilização maciça de IED, com inúmeras vítimas, acarretou postura excessivamente agressiva e, por vezes, desproporcional. No momento das detonações não havia inimigos ali, mas mesmo assim intenso volume de fogos era desencadeado em bairros densamente povoados. Agia-se como se estivessem sofrendo uma emboscada clássica. Os danos, como se pode supor, foram enormes não somente em vidas, como também na já precária infraestrutura da cidade.

Finalizando essa fase, houve o posicionamento das unidades estáticas, que se sucedeu à tomada da capital “quarteirão por quarteirão”. As unidades policiais foram posicionadas de maneira pulverizada, como previsto pela teoria. Vale mencionar, no entanto, que para tais unidades estáticas foram designadas as forças iraquianas. Ora, se por um lado tal

fazia todo o sentido, já que o objetivo final do conflito era o reestabelecimento do controle iraquiano sobre o país, por outro ocasionou vieses. Além de permitir a infiltração das forças iraquianas pela insurgência, impossibilitou a aproximação cultural das forças estadunidenses perante a população. Seguiu-se o abismo cultural.

No ato seguinte as pequenas frações já posicionadas no interior da localidade deveriam, à priori, iniciar ações visando “corações e mentes”. A proximidade visaria o estabelecimento de laços que fariam com que as pessoas passassem a apoiar o contrainsurgente. O objetivo migraria do inimigo para a população, mas sem negligenciar o insurgente, que estaria exatamente ali, mesclado. Surgem, então, novas demandas às forças militares: capacidade de lidar com a população, redução do dano colateral pelo uso gradual da força, uso de ferramentas de operações psicológicas e ações de inteligência.

As operações de Assuntos Cívicos que foram iniciadas contaram com investimentos concretos e muitos resultados imediatos. Isso foi possível graças a uma criteriosa análise acerca das demandas dos iraquianos e, por isso, geraram apoio popular. Foram investidos milhões de dólares em áreas como economia, agricultura, saúde e educação. A condução das ações se deu por forças estadunidenses especializadas, possuidoras de grande capacidade.

Mas, apesar de tantos êxitos, bem como da redução dos índices de violência na capital, tais continuaram muito elevados. O panorama foi de continuação da violência sectária (GRAF. 2, ANEXO F). As forças da MND-B ainda sofriam ataques, mas se antes eram o alvo principal, agora eram secundários. Vale salientar que as baixas estadunidenses e iraquianas aumentaram no ano seguinte, 2007 (GRAF. 3 e 4, ANEXOS G e H).

Não se tratava, como comprovado nos referidos gráficos, de uma inércia das violências. As causas estruturantes dos conflitos persistiam. O quadro havia certamente evoluído para uma guerra civil, assistida pelas forças dos EUA. Seguem-se conclusões parciais.

4.2 Conclusões parciais

Após a comparação das ações desencadeadas e o modelo teórico, a consolidação dos dados da pesquisa pode ser visualizada no quadro abaixo:

QUADRO 2

Síntese da aderência das ações empreendidas na Segunda Batalha de Bagdá ao modelo teórico de David Galula

Aspectos da teoria e David Galula		Atitude esperada	Atitude observada	Aderência	Observações
Momento	Ação				
“Investida”	Demonstração de vontade inequívoca de vitória	Utilização de grande poder e recursos.	A Operação contou com mais de 50 mil militares/policiais.	Plena	Além da massa, foram utilizadas unidades de elite e apoio aéreo.
	Redução de dano colateral	Uso mínimo de fogo em áreas densamente urbanizadas.	O efeito dos ataques com IED desencadeou fogo indiscriminado.	Insuficiente	A redução do dano colateral era foco das forças militares, mas houve dificuldade de concretizá-lo.
	Posicionamento de unidades estáticas	Posicionamento pulverizado de unidades estáticas tão próximas quanto possível da população.	Houve a pulverização de unidades estáticas, mas por forças iraquianas.	Parcial	O posicionamento de forças iraquianas possibilitou vieses: a) infiltração; b) distanciamento entre estadunidenses e a população.
“Batalha pela População”	Incorporação das unidades estáticas ao cotidiano da população	Incorporação das unidades ao dia-a-dia da localidade.	Houve o posicionamento adequado por forças iraquianas.	Plena	O insurgente continuou operando na área, bem como a violência sectária continuou com níveis elevados.
	Ações “Cívico-sociais”	Operações de Assuntos Cívicos, visando à conquista da população.	Enorme esforço foi desencadeado com investimento de milhões de dólares.	Plena	Logrou efeitos significativos perante a população, mas ao final a violência persistia.

Fonte: BALLARD, 2010; BOGART, 2007; EUA, 2006 GALULA, 1964; KHALILZAD, 2006; PIRNIE e O`CONNEL, 2008; RUMSFELD, 2009.

Nota: o Quadro foi elaborado pelo autor a partir da compilação de dados das fontes.

Pode-se verificar que houve grandes particularidades na guerra que se desenhou no Iraque pós-OIF, as quais justificam os aspectos identificados como de aderência “parcial” ou “insuficiente” ao modelo. Trataram-se, especificamente, dos seguintes pontos: presença de grupos diversos de motivação religiosa e sectária que utilizaram atentados terroristas e IED, com efeitos devastadores sobre a conduta contrainsurgente ocasionando grande dano colateral; e a utilização das unidades estáticas por forças iraquianas que acarretou infiltração e manteve o distanciamento cultural estadunidense perante a população.

Com relação aos demais pontos e, de maneira global, conclui-se que houve grande aderência das ações desencadeadas pelas forças contrainsurgentes ao modelo teórico de David Galula, no que tange aos pontos selecionados pela pesquisa.

A seguir, passa-se a tratar das conclusões do trabalho; da negação da hipótese inicial; bem como das reflexões acerca das possíveis causas da persistência da violência e sua evolução para o quadro de guerra civil. Serão apresentadas, ainda, linhas futuras de pesquisa e implicações dos conhecimentos para a MB.

5 CONCLUSÃO

O propósito do presente trabalho foi enfatizar a importância da adaptação das forças armadas à guerra irregular ou de contrainsurgência, por meio do confronto entre uma teoria consagrada e uma realidade contemporânea, de modo a verificar a possível aderência.

A contrainsurgência conduzida no Iraque pós-OIF, particularmente na capital, Bagdá, no ano de 2006, foi o foco do trabalho. O modelo teórico escolhido foi desenvolvido em 1964 por David Galula, Coronel do exército francês, enfatizando, particularmente, parcela das por ele denominadas “considerações de comando”.

Dessa maneira, buscou-se responder ao seguinte questionamento: as operações do exército dos EUA para o combate à insurgência na Segunda Batalha de Bagdá (2006) tiveram aderência ao modelo teórico, particularmente no que concerne à necessidade de adaptação das forças armadas à guerra de contrainsurgência? Negando a hipótese inicial, o estudo atestou a existência de tal aderência, apesar de não se ter conseguido conter a violência insurgente que continuou em níveis extremamente elevados e desaguou na guerra civil.

Para o desenvolvimento do trabalho, no capítulo dois foi estudado o modelo teórico, precedido por conceitos fundamentais para o entendimento da guerra irregular. Foi, ainda, caracterizada a população como centro de gravidade desse tipo de combate. Após tais apontamentos, limitou-se a abordagem ao que o teórico definiu como “necessidade de adaptação das forças armadas à contrainsurgência” em três dos oito passos ou momentos de sua doutrina: no combate inicial; no posicionamento de unidades estáticas; e no controle da população.

No capítulo seguinte, fez-se necessário preceder a análise da Segunda Batalha de Bagdá por uma caracterização da complexa história do Iraque; do planejamento da OIF; e da denominada “insurgência” que se seguiu à dominação do país pelas forças capitaneadas pelos

EUA. A partir de então, mergulhou-se nos preparativos e condução da Batalha, sempre mantendo em foco os primeiro, segundo e terceiro passos da teoria supramencionada, já se podendo antecipar diferenças importantes com relação aos conflitos que inspiraram a teoria. O ambiente operacional de metrópole (Bagdá) e a atuação de múltiplas forças insurgentes, e não somente uma, saltaram aos olhos em tal momento da pesquisa.

No capítulo quatro foram comparados os aspectos selecionados da doutrina com o que se executou na prática, bem como analisados os resultados. Concluiu-se que, ainda que com algumas imperfeições, houve, de maneira global, aderência ao modelo consagrado proposto por David Galula.

Ora, se o comprovado modelo proposto foi seguido, como explicar a persistência da violência na capital nos anos seguintes, bem como o aumento do número de baixas de militares dos EUA e do Iraque, que culminaram com a guerra civil?

O presente trabalho possibilitou responder tal questionamento. O início do problema reside no abismo cultural e na subestimação do valor da história. Desde a antiga Mesopotâmia, os povos que habitaram a região se viram obrigados a lutar contra invasores externos. Tais, na maioria das vezes, eram mais fortes e numerosos, o que obrigava a adoção de técnicas que se assemelham ao que hoje denominamos “guerra irregular”. Os povos que ali habitavam possuíam, ainda, cultura fortemente tribal e familiar, com aversão às centralizações político-sociais. Dessa maneira, a criação pelas potências europeias de um Estado artificial estimulou as lutas internas. Ao que tudo indica, o Iraque não se constituiu verdadeiramente uma Nação.

O quadro que se seguiu à OIF, dessa forma, reuniu o espírito milenar de luta contra o invasor, com as lutas internas que personificavam os antagonismos sectários de origens remotas. Formou-se um caldeirão de forças centrífugas que desejavam a expulsão estadunidense; mas também centrípetas com os xiitas e sunitas digladiando-se violentamente.

O cenário pode ser traduzido por um ambiente de múltiplas ameaças às forças estadunidenses e iraquianas.

Assim, conclui-se que a teoria de Galula traduz um *zeitgeist*²⁶ específico, a saber: as lutas de libertação nacional da segunda metade do século XX, muitas das quais no bojo da Guerra Fria (1947-1989), nas quais a presença insurgente se resumia a inimigo único. A complexidade do “espírito do tempo” atual ajuda a explicar a insuficiência da doutrina em Bagdá. O contrainsurgente se viu em meio a quatro forças oponentes, mas que também se enfrentavam. A obtenção da plena consciência situacional se mostrou impossível, persistindo a eterna “névoa da guerra”.

O empenho nas “ações de controle populacional”, carro-chefe da teoria de Galula, foi magistral. As operações de Assuntos Cíveis envolveram cifras extraordinárias e projetos ambiciosos com impacto direto em milhões de pessoas. Certo apoio populacional foi conseguido, mas o “espírito beduíno” de luta contra o invasor não abandonou aqueles que passaram a habitar as “terras mesopotâmicas”, onde hoje se situa o Iraque. A barreira cultural entre os estadunidenses e seus oponentes não logrou ser suplantada.

Apesar de todo o esforço a guerra civil estava instalada. O controle sunita do país foi entregue aos xiitas. Os sunitas, marginalizados, reorganizaram-se em cantos remotos do país e retornariam à cena anos após, personificando um monstro autodenominado Estado (*sic*) Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL)²⁷, grupo insurgente e terrorista de atuação global. O estudo das origens e atuação do EIIL, os quais fogem à moldura temporal do presente trabalho, é sugerido como linha de pesquisa futura associada ao tema da guerra irregular.

²⁶ “Caracterização do momento intelectual, moral e cultural de uma época” (disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/zeitgeist>, idioma original inglês, tradução nossa). A expressão *zeitgeist* vem sendo amplamente utilizada pelo meio acadêmico internacional, que passou a aceitar que cada momento histórico possui um espírito único, que o torna singular perante outras épocas. A expressão deriva das palavras alemãs *zeit* que significa tempo e *geist* que significa espírito. Não existe consenso sobre a origem da expressão na Filosofia. Para o autor deste trabalho, fruto de suas pesquisas, a palavra deriva do pensamento do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): “O espírito [...] define a si mesmo como desdobramento da história” (HEGEL, 2001, p. 24, tradução nossa).

²⁷ O autor deste trabalho não entende que o autodenominado EIIL se configure de fato um Estado (NR 14, p.25).

Da mesma maneira não foi possível analisar o papel da etnia curda, predominante no norte do Iraque, mas irrelevante na capital. O aprofundamento na milenar luta curda em busca de um território certamente consistiria relevante linha de pesquisa futura.

Ao chegar ao fim deste trabalho, conclui-se que a análise em profundidade dos conceitos e práticas da guerra irregular tem enorme valia para a MB.

No campo interno são cada vez mais frequentes as demandas pelas operações de Garantia da Lei e da Ordem. Em tais operações, os agentes perturbadores da ordem pública aplicam, voluntaria ou instintivamente, diversas técnicas de guerra irregular. A população também é o centro de gravidade da “luta”, bem como o emprego da força se mostra limitado pelo ambiente.

No campo externo as demandas são igualmente crescentes. Os Fuzileiros Navais que em meados de 2003 adestravam em suas Unidades não poderiam imaginar que, um ano depois, estariam em Porto Príncipe, capital do Haiti, mergulhados em conflitos de características irregulares.

De fato, a ambição brasileira de tornar-se membro permanente do Conselho de Segurança da ONU redundará em compromissos militares cada vez mais complexos. A participação da MB no Líbano, que poderá no futuro envolver tropas terrestres, bem como possíveis projeções militares no continente africano sob a égide daquele organismo, exigem que seus militares estejam prontos para a complexa e árdua “luta do leão contra a mosca”.

Para o atendimento de tais demandas é provável que o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da MB tenha que rever suas doutrinas e manuais sobre o tema. Espera-se que, de alguma forma, o trabalho ora desenvolvido possa colaborar em tal sentido.

Qualquer que seja o cenário, a mensagem final deste autor é a de que o contrainsurgente deverá ter a convicção de que seu preparo e emprego surtirão pouco ou nenhum efeito sem a devida imersão na história e cultura da região de desdobramento.

REFERÊNCIAS

BALLARD, John R. *From Storm to Freedom: America's long war with Iraq*. Annapolis: Naval Institute Press, 2010. 291 p.

BOGART, Adrian T. III. *Block by block: Civic Action in Battle of Baghdad*. Hurlburt Field: JSOU Press, 2007. 97 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. *Livro Branco de Defesa Nacional*. Brasília. 2012. 275 p. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

_____. Marinha do Brasil, Estado-Maior da Armada. *EMA-305 – Doutrina Básica da Marinha*. Brasília. 2ª rev. 2014.

_____. Marinha do Brasil, Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN-31.2 – Manual de Operações Contra Forças Irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro. 1ª ed. 2008.

DIAS, Reinaldo. *Ciência Política*. 2ª ed. São Paulo: ed. Atlas, 2013. 320 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.

GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. 118 p.

GORDON, Michael R.; TRAINOR, Bernard E. *Cobra II*. New York: Vintage Books, 2006. 727 p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *The Philosophy of History*. Kitchener: Batoche Books, 2001. 485 p.

HOFFMAN, Bruce. *Insurgency and Counterinsurgency in Iraq*. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2004. 26 p. Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2005/RAND_OP127.pdf>. Acesso em 07 Mar. 2017.

KHALILZAD, Z. U.S. Embassador to Iraq. *The Battle of Baghdad*. Department of State. Whashington, 2006. 4 p. Disponível em <<https://2001-2009.state.gov/p/nea/rls/rm/2006/71495.htm>>. Acesso em 18 Mar. 2017.

MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2009. 479 p.

PIRNIE, Bruce R; O`CONNELL, Edward. *Counterinsurgency in Iraq (2003 – 2006)*. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2008. 136 p. Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2008/RAND_MG595.3.pdf>. Acesso em 06 Mar. 2017.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Manual do Candidato Política Internacional*. 2ª ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 396 p.

RUMSFELD, D. *The Rumsfeld Articles, Secret Attachment July 14, 2006*. Washington, 2009. 3p. Disponível em <<http://library.rumsfeld.com/doclib/sp/468/2006-07-14%20to%20Hadley%20re%20Update%20on%20Security%20in%20Baghdad.pdf>>. Acesso em 19 Mar. 2017.

SHULTZ, Richard H. Jr; DEW, Andrea J. *Insurgents, Terrorists, and Militias: the warriors of contemporary combat*. New York: Columbia University Press, 2006. 316p.

APÊNDICE A

QUADRO 1

Síntese das Operações de Assuntos Cíveis ocorridas na Segunda Batalha de Bagdá

Operação	Descrição
1 - “Operation Glory Light”	Focada em áreas sunitas no sul de Bagdá, reabriu duas escolas, instalou um hospital, distribuiu toneladas de alimentos e iniciou 10 projetos de infraestrutura com investimento de US\$ 1,7 milhões. Foram estabelecidos contatos com as lideranças locais e reposicionadas unidades policiais iraquianas para prover segurança às obras. Empresas civis internacionais iniciaram os trabalhos na capital.
2 - “Operation Tigris Waves”	Focou na pequena cidade de Tarmiya, situada quinze quilômetros a norte de Bagdá, então santuário terrorista. Após o estabelecimento de contato com as lideranças locais e posicionamento das forças iraquianas, iniciaram-se ações cívico-sociais e grandes investimentos de infraestrutura.
3 - “Operation Harvest Light”	Imensa operação com o propósito de apoiar o Ministério da Agricultura do Iraque. O palmito iraquiano já fora responsável por 30% da produção mundial na década de 1960. Movimentava largamente a economia da capital por meio do semibeneficiamento e comercialização. A operação consistiu de um gigantesco programa de disseminação de sementes que alcançou 75.000 hectares. A semeadura do trigo também foi realizada visando a produção para consumo interno da população. Empresas civis dos EUA foram largamente utilizadas. Em paralelo, ocorreram ações de controle de pragas. Essa operação gerou cerca de 108.500 empregos.
4 - “Operation Baghdad is Beautiful”	Investimento de US\$ 5,2 milhões na limpeza da capital. Tratava-se de ação diretamente afeta ao saneamento básico, com 43 programas, mas trazia efeito secundário de reduzir os ataques com IED, já que tais artefatos eram normalmente posicionados nas pilhas de lixo situadas às margens de estradas e ruas. A operação fazia parte ainda do esforço de operações psicológicas, com o objetivo de elevar a autoestima da população. Cerca de 50.000 iraquianos foram empregados.
5 - “Operation First Light”	Projeto de construção de 142 clínicas. Programa de US\$ 100 milhões, a ser conduzido em dois anos a partir da Operação <i>Together Forward</i> , teve profundo impacto na população.
6 - “Operation Freedom Light”	Tratou-se de um programa de esvaziamento das prisões da capital, por meio da revisão de 6.500 processos. Cerca de 3.000 indivíduos irregularmente detidos foram liberados.
7 - “Operation Bright Light”	Complexa operação que visava reposicionar milhares de deslocados que migravam de regiões para fugir da violência sectária.
8 - “Operation Austin Light”	Consistiu na preparação e treinamento de forças de defesa civil iraquianas para atuarem em casos de grandes emergências
9 - “Operation Holland Light”	Operação que visava ao apoio do renascimento da indústria de beneficiamento agrícola no entorno da capital.

Fonte: BOGART, 2007.

Nota: o Quadro foi elaborado pelo autor a partir da compilação de dados da Fonte.

ILUSTRAÇÕES

ANEXO A



FIGURA 1 – Mapa do Iraque

Fonte: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/cia-maps-publications/Iraq.html>>. Acesso em: 21 Abr. 2017.

ANEXO B

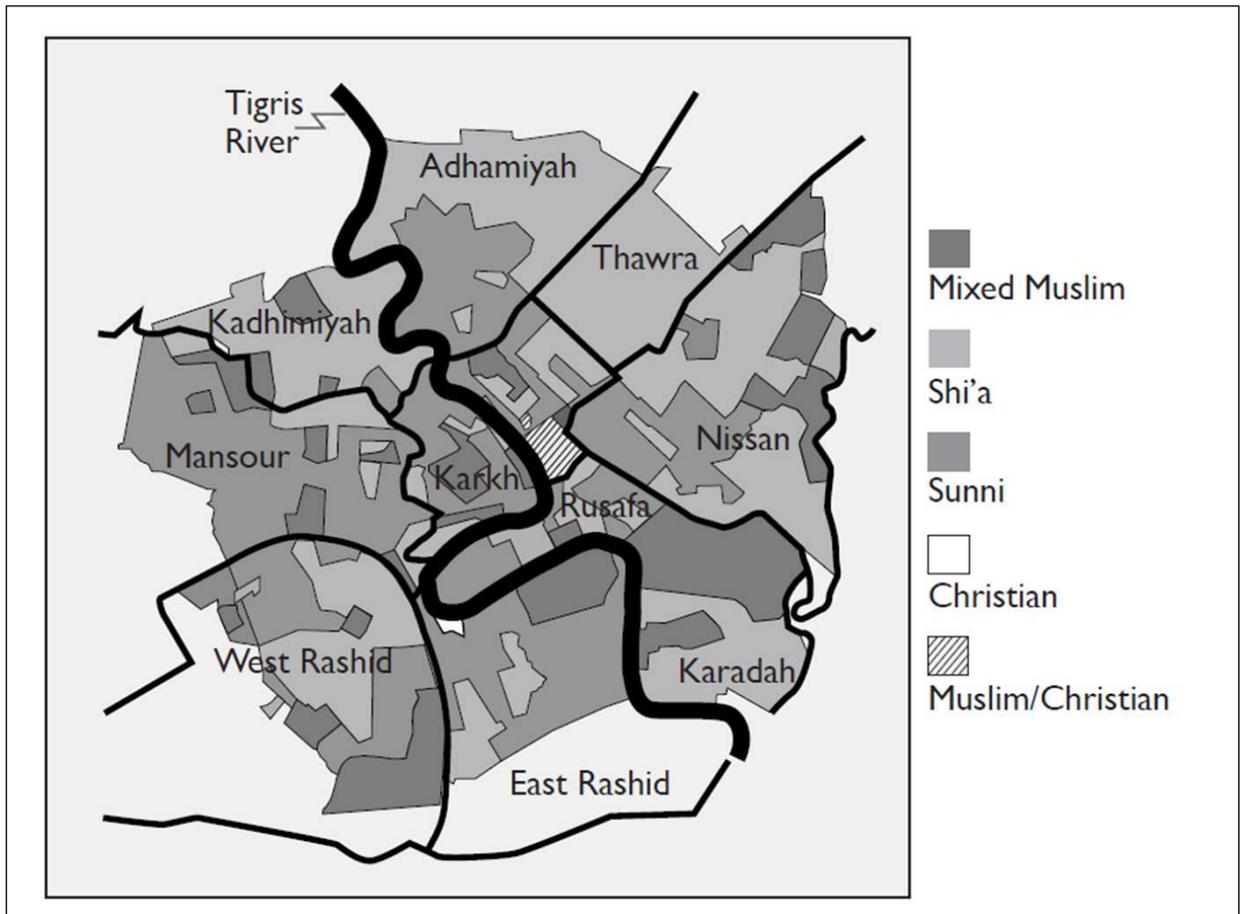


FIGURA 2 – Divisão sectária em Bagdá

Fonte: BOGART, 2007, p. 26.

Nota: Traduzindo-se a legenda observa-se a predominância religiosa nos bairros de Bagdá. De cima para baixo: “Muçulmanos mistos”, “Xiitas”, “Sunitas”, “Cristãos” e “Muçulmanos e Cristãos” (tradução nossa).

ANEXO C



FIGURA 3 – A Zona Verde de Bagdá.

Fonte: <<http://edition.cnn.com/2015/08/28/middleeast/iraq-baghdad-green-zone/>>. Acesso em: 21 Abr. 2017.

Nota: no original em inglês “Green Zone” (tradução nossa).

ANEXO D



FIGURA 4 – Adaptação de Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal aos IED e efeitos.
Fonte: <<https://aoav.org.uk/2015/2015-an-epidemic-of-suicide-bombs/>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

ANEXO E

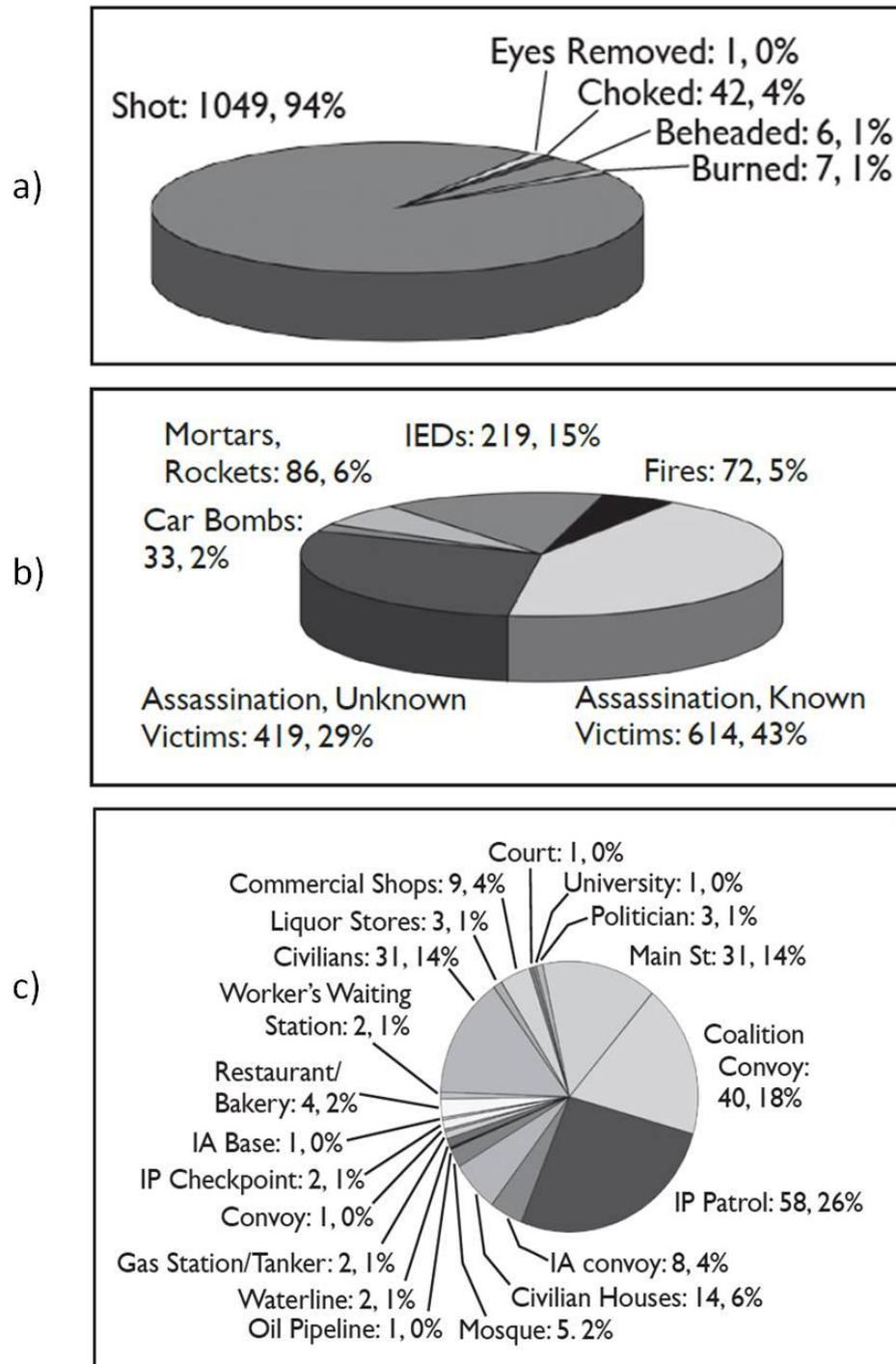


GRÁFICO 1 – Estatísticas da violência em Bagdá em 2006.

- Número de assassinatos em Maio de 2006 por tipos (total de 1.105)
- Ataques terroristas em Maio de 2006 por tipos (total de 1.443)
- Ataques com IED em Maio de 2006 por tipos de alvos (total de 219)

Fonte: BOGART, 2007, p. 62-64.

Nota: Dados trabalhados pelo autor (tradução nossa).

ANEXO F

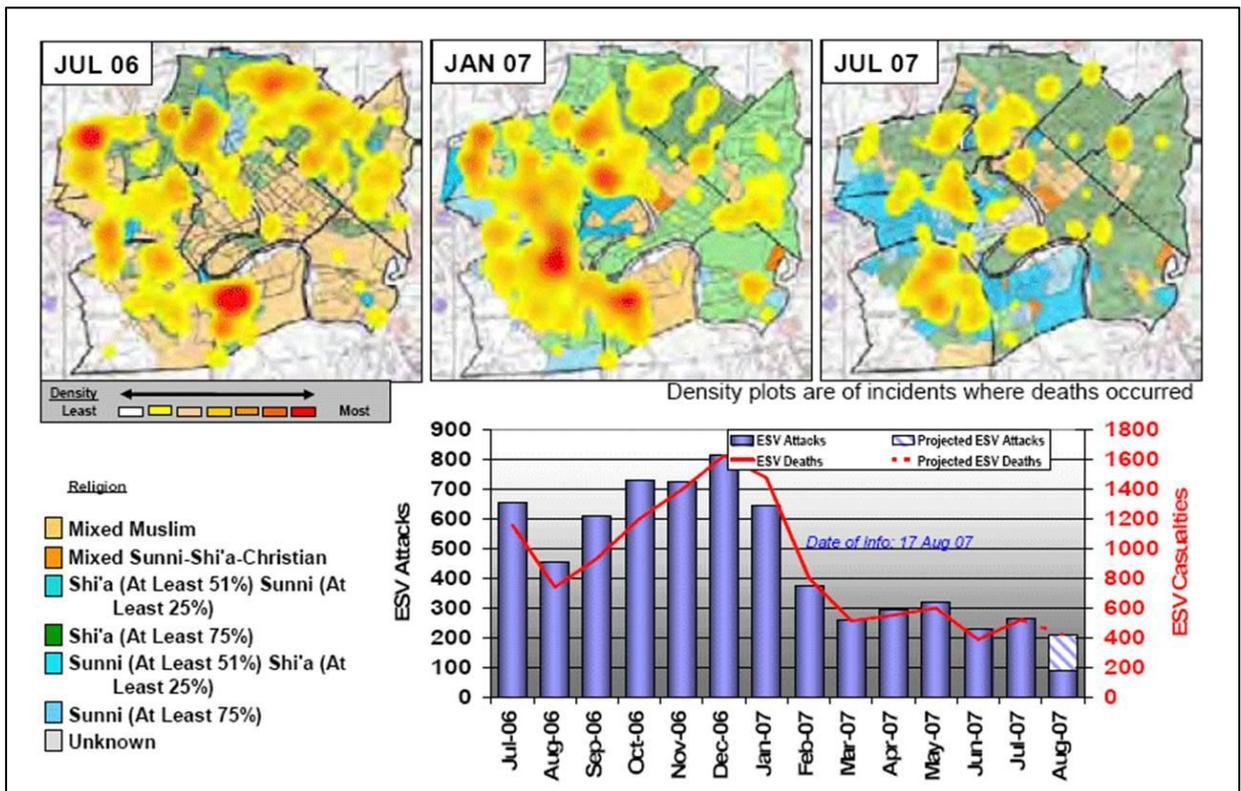


GRÁFICO 2 – Evolução da violência étnica e sectária (ESV) em Bagdá entre 2006 e 2007.

Fonte: <<https://www.juancole.com/2008/07/social-history-of-surge.html>>. Acesso em: 21 Abr. 2017.

Nota: Traduzindo-se a legenda se observa a violência por áreas de predominância religiosa. Em direção à coloração encarnada vemos o incremento da violência. De cima para baixo: “Muçulmanos mistos”, “zonas mistas”, “predomínio Xiita, mas com presença Sunita”, “Xiitas”, “Sunitas, mas com presença Xiita”, “Sunitas” e “zona indefinida” (tradução nossa).

ANEXO G

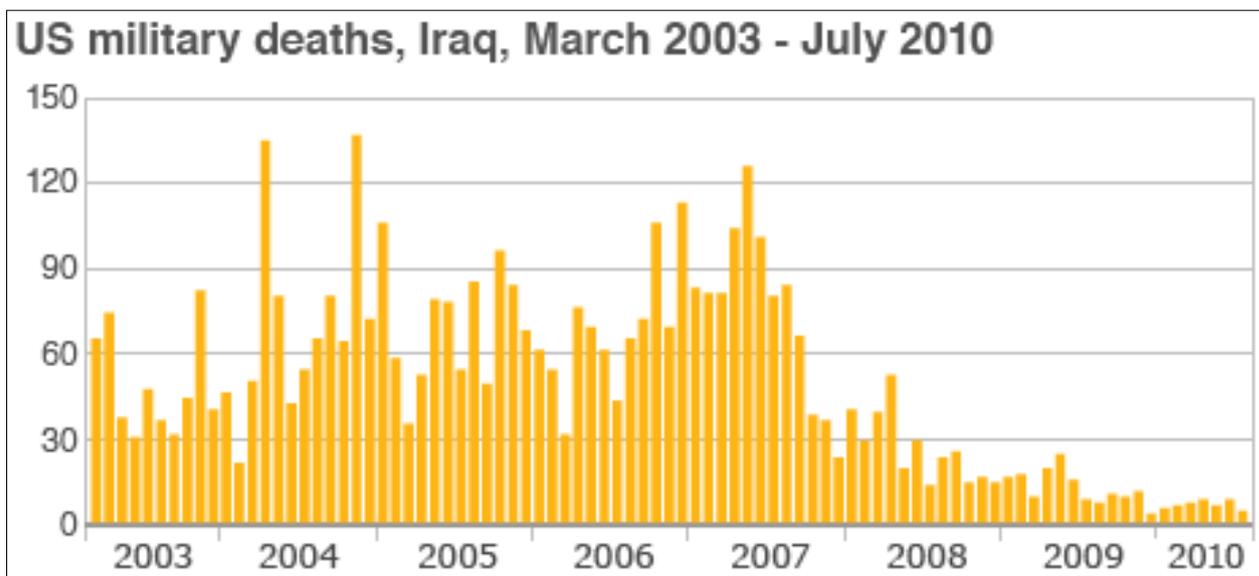


GRÁFICO 3 – Mortes de militares estadunidenses no Iraque entre 2003 e 2010.

Fonte: <<https://www.hanan-revue.blogspot.com.br/2010/09/iraq-war-in-figures.html>>. Acesso em: 23 Abr. 2017.

ANEXO H

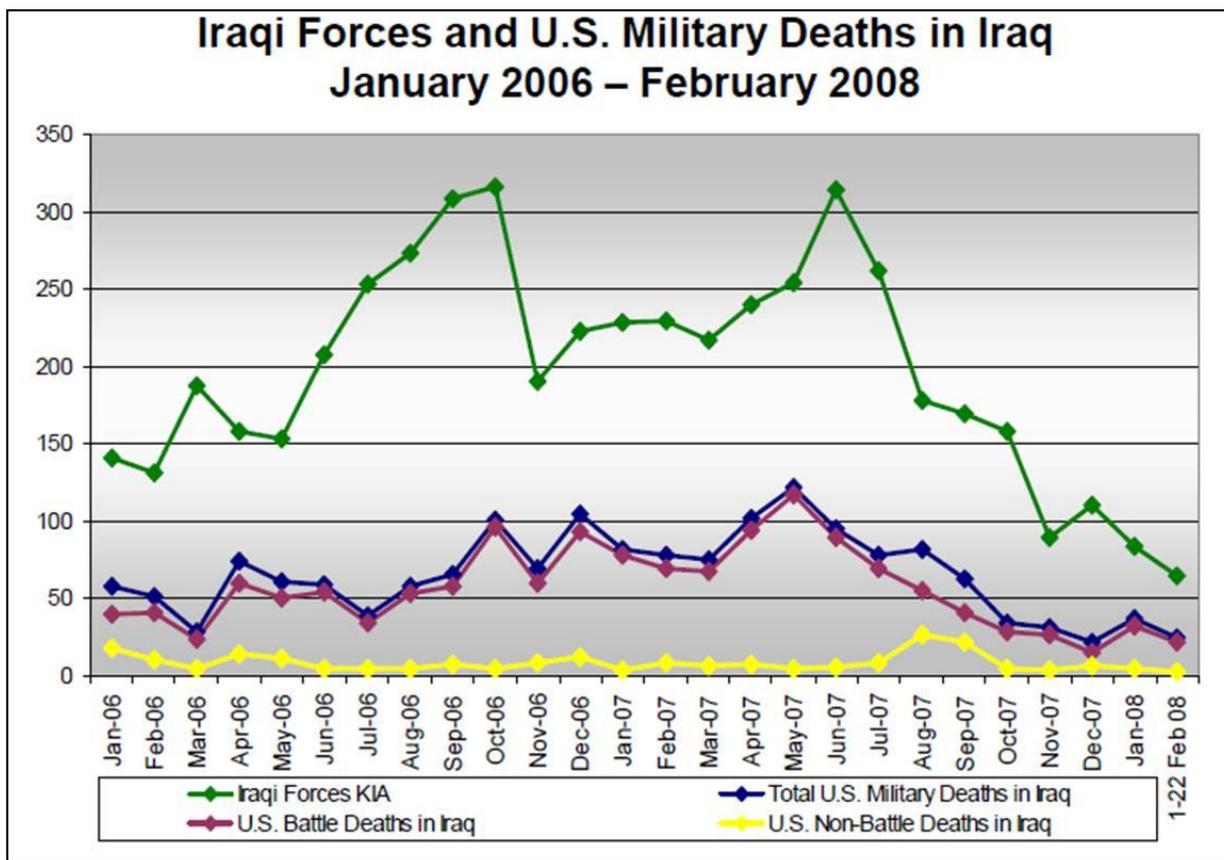


GRÁFICO 4 – Mortes nas forças estadunidenses e iraquianas no Iraque entre 2006 e 2008.

Fonte: <https://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/Master_9204_29Jan10_FINAL_SIGNED.pdf>. Acesso em: 23 Abr. 2017.